

Os Vilhalpandos de Francisco de Sá de Miranda

COMÉDIA

A FAMA FAZ O PRÓLOGO

Eu não venho a vós voando, ave nova bem empenada, tantos olhos quantas penas, tantas línguas e ouvidos que joguem por debaixo como artelharia, assi como me pintaram estes chocarreiros dos Poetas, que sempre querem gracejar. Mas assi como todos me chamam Fama, assi venho nestes hábitos de mulher. Aqui no cabo do mundo é agora o meu assento, e não no meo, onde os mesmos bons dos Poetas me aposentaram, em ùa casa toda aberta e descoberta (por certo mal, ao menos pera o Inverno). Daqui carrego pera todas as partes de graciosas vitórias, todas contra os infiéis. De torna-viagem, às vezes não acho senão patranhas, como agora. Que quereis que faça? Quereis que torne com as mãos vazias? Ao menos farei nisto verdadeiros aqueles mesmos Poetas, meus amigos, que de mim disseram que assi conto o que é como o que não é. E eles *lula*, como diz o nosso rifão antigo. Quereis que estê sempre esperando polo coxo, o qual quando vem não acha senão arrependimentos? Quantos exércitos tenho eu só por mim desbaratados, quantas fortalezas rendidas cos meus medos? Quantas defendidas co as minhas esperanças? Sabeis de que manha usei estes dias passados? Naquela grande afronta de Diu, quando vos não pude espantar cos Turcos, espantei Turcos convosco, em tempo que vos tudo falecia, salvo o coração. E agora em Tolão, como me meti entre as galés dos mesmos Turcos, tantas que cobriam o mar! E i comecei de murmurar da gente nobre, que se juntava em Ceita ao parecer da primeira andorinha; e elas desapareceram todas, que não sabiam já o dia nem a hora.

Deixo o que fiz em Tunes, onde eu logo descobri aos contrários quem era o verdadeiro capitão da gente português, que logo fez tremer aquela Barba Roxa. Quantas destas obrigações tenho eu espalhadas polo mundo, que mas reconhecem mal! E, deixando a guerra a de parte: em quantos perigos socorro eu aos que escrevem? Os cronistas a cada passo não sabem por onde vão sem mim. Os Poetas andam sempre polos ares, nem tem outro valhacouto, se a mim não. Té estes que governam o mundo com seus cartapácios (eu digo os a que hoje sobretudo chamam Doutores) como rematam eles suas razões senão co meu nome e autoridade? dizendo por derradeiro: e desto é púbrica voz e fama. E depois, com que gravidade acodem nas suas práticas, encadarroados: *fama malum et re*.

Ora, todos estes postos a de parte, falemos cá entre nós. E dizei-me: das cousas passadas que tendes senão a fama? Das presentes quanto vedes? E inda das que vedes, de quanto dais fé, tudo o mais a quem o deveis, senão a mim? Do por vir não falemos, que o reservou Deus pera si. De todo em todo, não vos fieis em sonhos. Oh! como aqueles bons antigos morriam por mim, com tão bom rosto! E eu também, que assi lho pagava. Vós outros ponde-me asma diante, e assi é razão; todavia bom quinhão me dais de vós. Basta, que eu som contente, não servis a pessoa desaguardecida. Finalmente quereis saber em quanta obrigação me todo o mundo é: olhai bem, que de quantas cousas em todo ele há, nenhũa responde igualmente a sua fama: nem em Paris essa cidade, nem essa Roma lá santa. Muito me vos gabo hoje. Dir-vos-ei: som, como vos já

disse, vezinha e moradora, obrigada som a guardar vossos costumes.

Ora venhamos às patranhas. Nós estamos em Roma. Naquelas duas casas vivem dous velhos cidadãos, cujos nomes vedes cada um sobre a sua porta. O Pompónio tem um filho a que chamam Cesarião, o qual filho o pai e a mãe andam por tirar de cativoiro dũa destas suas cortesãs, que assi lhe chamam. O pai por razão e autoridade, a mãe por devações. A cortesã, sem razão e sem autoridade e sem devações, faz dele tudo o que quer. Sobre este negócio sairão a vós logo estes velhos, e sua prática vos irá abrindo caminho pera o mais. Ouvi repousadamente.

FIGURAS DA COMÉDIA:

A FAMA.

POMPÓNIO, *velho*.

MÁRIO, *velho*.

FAUSTA, *matrona Romana, com ùia companhia de 5 beguinias*.

MILVO, *alcouviteiro*.

ANTONIOTO, *criado*.

CESARIÃO, *mancebo Romão*.

GUISCARDA, *velha e mãe de Aurélia*.

VILHALPANDO, *primeiro soldado*.

VILHALPANDO, *segundo soldado*.

APOLÓNIO, *ermitão*.

FABIANO, *mancebo estrangeiro*.

TREPO, *moço*.

TORQUEMADA, *moço*.

RUBERTE, *paje francês*.

ACTO I

CENA I

POMPÓNIO. MÁRIO

POMP. – Boa seja a vinda, Mário, que em tua busca ia.

MÁR. – O Pompónio, e eu na tua! que me disseram em chegando que jazias em cama.

POMP. – Não te enganaram. Mas soube como eras vindo, e isso me levantou.

MÁR. – Fezeste mal, que corpo enfermo quer-se na cama e não polas ruas.

POMP. – Si, mas também o espírito cansado quer-se com quem descansa.

MÁR. – Eu viera a ti, que era mais razão. Mas como te sentes?

POMP. – Fraco: principalmente destas pernas, que me não podem trazer.

MÁR. – Não te espantes, que há já muito que te trazem. Que doença foi a tua?

POMP. – Nunca o pude bem saber.

MÁR. – Que te diziam os físicos?

POMP. – Muitas e mui notáveis razões.

MÁR. – E tu quiseras antes poucas e certas?

POMP. – Foram e vieram algúas vezes, antes que se concertassem. Finalmente capitularam a doença; e tendo eu mui grandíssimo fastio, mandaram-me que não comesse.

MÁR. – Perigoso remédio: e mais em tal idade.

POMP. – De maneira que, se a natureza me não tolhia algüa cousa, assi por desejos, tolhiam-ma eles.

MÁR. – Matar-te-iam.

POMP. – Pouco menos: então contavam as vezes das novas correntes e dos milagres que já tinham feitos em outros, a qual mais.

MÁR. – E pera ti não deixaram um só.

POMP. – Não, porque a falar verdade, até do estômago veio üa velha que me aproveitou mais. Disse que era a tavoleta.

MÁR. – Souberam-no eles?

POMP. – Não, antes a poder de anforismos tudo tribuíam aos seus remédios.

MÁR. – Sangraram-te?

POMP. – Sabe Deus a sua vontade! Cada dia afiavam as lancetas. Porém eu não quis, como quem sabia o conto dos meus anos, e que o meu sangue pecava mais de queimado que de sobejo.

MÁR. – Ah! que a nós já nesta idade deviam-nos de tornar a curar como meninos, e não com beberagens das boticas! que da só vista sua se arrepiam o corpo todo.

POMP. – Mexidas por cifras, que eles físicos sós entendem e os boticairos seus secretários.

MÁR. – Assi são mais estimados; e os das outras ciências também, quando os entendem menos.

POMP. – Finalmente, assi os sofri um tempo. Depois cobrei siso e despedi-os.

MÁR. – Oh! como fezeste bem!

POMP. – Como dizem: melhor foi tarde que nunca. Então deixei-me ir mais devagar, espreitando sempre a natureza e ajudando-a com bom regimento.

MÁR. – Não soube tanto Hipocras.

POMP. – Aprendi à minha custa: e, como soube da tua boa vinda, levantei-me

sobre este bordão, que me ajuda mais e me custou menos.

MÁR. – Por amor de mim, que repouses.

POMP. – Que farei, se me não deixam?

MÁR. – Preza sobre tudo tua saúde, não te mates por ninguém, que ao dó negro e ao choro dos herdeiros chamam os antigos riso e prazer conhecido em traje de lágrimas.

POMP. – Ouve-me e depois me aconselharás.

MÁR. – Dize o que quiseres.

POMP. – Bem te deve de lembrar o que já falámos antes da tua ida, sobre nossos filhos.

MÁR. – Não são os tais negócios pera esquecer.

POMP. – Depois tu absentaste-te e eu adoeci; tudo ajuda o que há-de ser.

MÁR. – Pera que é mais? Danou-se-nos Cesarião, que bem o sei.

POMP. – Não haviam de falecer messageiros.

MÁR. – Queres que não vejam os homens, nem ouçam.

POMP. – Porém não correm eles assi ao bem.

MÁR. – Não lhe acham tanto sal.

POMP. – Veio logo aqui ter a esta nossa rua ãa velha Bolonhesa, com ãa filha fermosa.

MÁR. – Perigosa vizinhança.

POMP. – Se o ainda bem soubesses com quanta treição e arte!

MÁR. – E eles também que se deixam enganar levemente!

POMP. – Logo à primeira parecia aquela casa erma.

MÁR. – Vem pobres, não trazem que assoelhar.

POMP. – Mas é tamanha a fermosura da virtude, que querem primeiro enganar com ela que com a sua própria.

MÁR. – Quanto agora, não há passo em Roma mais aguardado. Ao menos, dos nossos mancebos romãos, os Brutos e os Décios morrem-se pola república.

POMP. – Bem fazes de te guardar destoutro estado eclesiástico.

MÁR. – Em que se não pode somente boquejar.

POMP. – Ora eu, em quanto me Deus dá tempo, não o queria perder. E cuidando, não acho melhor remédio a meu filho que o casamento, o qual até os gentios chamaram prisão segura da mocidade.

MÁR. – Quantos exemplos vês tu hoje neste dia por aqui ao contraíro!

POMP. – O amor e as graças dos filhos, os bons costumes das nossas mulheres próprias, chamam muito homem pera suas.

MÁR. – Ao estômago danado não lhe sabe bem nenhũa cousa boa.

POMP. – E mais em lugar dum pai teria ele dous.

MÁR. – Antes, a meu parecer, em lugar de Zia fazenda, a tal tempo, meter-lhe-ias duas nas mãos, que destruísse.

POMP. – Não, que a isso venho: dar-te conta da boa disposição, em que agora tínhamos o negócio por ãa grande ofensa, que estas mulheres fizeram a Cesarião, de que está indinado extremadamente.

MÁR. – Quanto há?

POMP. – A noute passada.

MÁR. – Tão pouco?

POMP. – Porquê?

MÁR. – Porque aquele conselho santo, o qual nós tão mal cumprimos, que se não ponha o sol sobre a nossa ira, estes o cumprem muito bem.

POMP. – Não é o sentimento tão pequeno.

MÁR. – Não te fies disso, que quebram as mais das vezes em maior amor de que

procede. Polo qual antes quisera que estivera rindo.

POMP. – Porque se diz logo que esquivança parte amor.

MÁR. – Parte, mas não assi às primeiras razões: principalmente co estas, que os homens tomam com todas suas tachas .

POMP. – Não era de perder tal ocasião.

MÁR. – Crê-me que já agora teu filho lança todas as culpas sobre a má da velha.

POMP. – Si, se a moça se desculpasse.

MÁR. – Pera quê? que ele mesmo a desculpará: então, ao fazer das pazes, mal polos terceiros.

POMP. – Quantos imigos que têm estas nossas fazendas!

MÁR. – Por isso dizem que anda o ouro tão descorado como temido de tantos.

POMP. – Té os cachorros, que saltam por amor del-rei de França.

MÁR. – Escandalizado ficaste dos físicos corporais.

POMP. – E dos espirituais também, que tu não dizes. Oh! senhor Deus, como nos apalpm, e a que tempo! lançados fora todos os outros competidores, como vencidos.

MÁR. – Foi tempo que mandavam lavar os pecados com lágrimas!

POMP. – Agora todos com aquela água que chamam da moeda. E é assi necessário pera gente tão cobiçosa do alheo como somos. Quem não tivera filhos pera se partir, rindo de tão mau mundo! Mas do nosso negócio, que conselho me dás?

MÁR. – Dir-te-ei o que me parece. O casamento é a maior cousa que o homem faz em toda a vida; peço-te que o não fiemos de paixões de mancebos.

POMP. – Como faremos?

MÁR. – Sobrestemos assi alguns dias; entretanto trabalha tu que teu filho se emende: por si só, é razão, não por agravos da Bolonhesa, que comigo não são necessárias outras mais negociações.

POMP. – Não fora mau correremos daqui estas más mulheres.

MÁR. – Pera quê, já agora? pois onde quer que forem hão-de levar o coração de teu filho após si.

POMP. – Bom é sempre afastar os azos.

MÁR. – As cousas da vontade não querem força, que então as desejamos mais.

POMP. – Filhos de Adão e de Eva.

MÁ R. – Finalmente, tem sobretudo cuidado da saúde. E, como te já disse, a tudo vai pé ante pé. Entretanto ver-nos-emos muitas vezes, e uns lanços irão descobrindo os outros, que não façamos cegueira em cousa que tanto releva. Deixo-te a Deus, que me chama outro negócio; tu torna-te a casa.

POMP. – Ele vá contigo. O descanso com que me este manda ir de vagar! como se eu tevesse os dias de contado, à canto de arca, pera as necessidades! Trago, como dizem, a alma no papo, e vejo cada dia partir outros mais são e mais moços; e este diz que esperemos. Assi nos vai empondo o mundo de hoje pera de manhã, até que vem aquela derradeira hora, em que tanto há que fazer. Quisera em tamanha tormenta ter meu filho a mais amarras; esta pressa me fez levantar da cama ante tempo. Mário está tão descansado bocejando! Oh! cuidados vãos dos homens, pera isto ajuntei eu e guardei com tantos trabalhos e perigos, pera devassos e devassas! Não consintirá Deus tal. Cesarião se quiser haver siso e responder ao sangue donde vem, será meu filho. Quando não, a dor não se escusa; mas enfim toda a perda há-de ser sua. Minha mulher, se não fizer outro tanto, deixará cá bons herdeiros: três dados e estas boas donas. Cuidais que vê ela os erros deste filho? E se lho digo, logo i são as desculpas. E quando já aí não poder ser, antes eu hei-de ficar por culpado, ou por áspero, ou por estreito: afora aquele dito geral de todas, «que outro tanto faria eu em meu tempo».

Sobre isto não se escusam contendias cada hora; quando nos mais necessário era o

descanso, nos veio falecer de todo. Quem sai de minha casa? Oh! Fausta é, minha mulher! Grande companhia lhe vejo, toda de beguinias: nove são, quão certo é que não haviam de ser pares. Negócio é de devações sobre este filho. Quero-as escutar: vereis que razões tão concertadas.

CENA II

FAUSTA. POMPÓNIO

FAU. – Se algũa hora, amigas de Deus e minhas, tomastes cargo de lhe encomendardes algũa pessoa necessitada, seja desta vez, que assi me sereis vós encomendadas sempre nas vossas necessidades.

POMP. – Muito se lhes oferece: tudo será às minhas custas.

FAU. – Ora cada tia tome seu ramal de nós: cento e cmcoenta por cada ramal.

POMP. – Boa soma fazem.

FAU. – Tantas vezes há cada tia de dizer aquela oração que vos dei escrita em pergaminho virgem; que é muito experimentada.

POMP. – Como mezinha de velhas.

FAU. – E assi tereis acesas as nove candeas que vos dei também de cera virgem.

POMP. – As beguinias quer o sejam quer não..

FAU. – E a cada no beijar a terra, sem falar palavra neste meio tempo.

POMP. – Porte ponto pera mulheres.

FAU. – A cabo de tudo haveis de dizer: Assi como isto é verdade, assi de cor e de vontade: saia, nomeai-o livre e são desta infirmitade, quer seja malícia, quer maldade de mau homem ou má mulher, quer outra fortuna qualquer.

POMP. – Que pode logo Deus i aí fazer, se vai por consoantes!

FAU. – Entretanto eu falarei com a convertida. E assi espero em Deus e nas palavras de muita virtude e na ajuda das pessoas

devotas, que meu filho torne à graça de Pompónio, o qual com paixão é posto em cuidados novos e não de pai.

POMP. – E pô-los-á em obra, se teu filho se não emenda. Já lá vão. Tarde se me ordena hoje o jantar. Quero entretanto dar vista aos banqueiros, não cuidem os devedores que sam já morto.

CENA III

MILVO. ANTONIOTO

MIL. – Pera que são mais palavras? Pede por boca; a escolher como em lavor de amigo.

ANT. – Tão boa novidade houve este ano?

MIL. – Que não há onde a recolher, e sobretudo boa mercadoria, boa.

ANT. – vai o feito todo. Milvo, meu amigo, no preço me enganem, a mercadoria seja desenganada.

MIL. – Estás em teu siso? Que o rico pera que quer o que tem? O pobre vá pedir por amor de Deus, e não ande de amores.

ANT. – Dizes verdade.

MIL. – Ora esse teu enfermo de quais é?

ANT. – Havia-te em Roma de andar pedindo piedades, e com que esperança?

MIL. – Fraca por certo, que em terra estás onde não saram pobres nenhuns, com quantos hospitais nela vês.

ANT. – E quem sarassem: ao menos tu não eras o hospitaleiro.

MIL. – No cabo estás. Ora me dize que tal a queres.

ANT. – Moça aprazerada, sem ponta de miolo.

MIL. – Freira nem casada?

ANT. – São muito trabalhosas.

MIL. – E havia-te de estar vendendo a dinheiro perigos e trabalhos? A minha gente toda é mansa; mas tenho de muitas sortes, assi como aqui há muitas sortes de apetitos.

ANT. – Ah! esquecia-me que estávamos em Roma!

MIL. – Virgem te não ofereço, porque és tu. Que a um novel esse fora o primeiro oferecimento.

ANT. – A que propósito, pois me já lembraste onde estamos?

MIL. – Que é outra boa mercadoria: punhadas e lágrimas.

ANT. – E mais onde a descobriríamos?

MIL. – Por aqui se fazem.

ANT. – Não entremos nessas embrulhadas: queria cousa certa e desocupada.

MIL. – Que dizes?

ANT. – Que não tivesse muitos negócios.

MIL. – Ora não mais: das enjeitadas queres.

ANT. – Não assi, mas das que não são ainda tão conhecidas.

MIL. – Que barbarias vão polo mundo! Andam-se mortos com seus ciúmes, aquele olhou, aquele riu, aquele acenou; e ainda isto não basta, mas até o que sonham cuidam que é verdade, e de tudo tem paixão. Sapos cuidam que lhe há-de falecer a terra! Os nossos cortesãos, todos cortesões, todos galantes, todos postos em razão, a juntam-se cinco e seis a tia amiga, e de aprazimento de partes partem entre si o custo e prazeres. Ela a todos granjea e agasalha; cuja acerta de ser a noite, esse fica. Os outros não se vão por isso com pior rosto, outro dia lhe virá a sua vez, ali não há ciúmes nem invejas. Que mais Paraíso queres neste mundo?

ANT. – Está bem; mas os filhos, como os repartem?

MIL. – Não é gente muito afruitada.

ANT. – E porém quando acontece?

MIL. – Em tudo há-de ser o que ela disser.

ANT. – Quer o saiba, quer o não saiba.

MIL. – Que cuidas que vai nisso? Enfim querem-lhe bem como a filhos.

ANT. – O diabo se enforque. Mas este nosso, ainda que é Romão, hei medo que nisso queira ser bárbaro.

MIL. – Vá ser ò sol. Não vês tu a pompa destas nossas cortesãs? Quem bastará só por si a seu custo? Donde cuidas tu que se elas hão-de manter? Que fora de estes certos que digo, ainda lhe ficam de fora outros aventureiros, e não bastam.

ANT. – Dêmos-lhe algüa noviça.

MIL. – Dêmos, mas seja porém italiana, que tudo o mais é vento. Francesas e alemãs, com quanto vinho bebem, são mais frias que tia pouca de água; espanhóis todas vem já coroadas de Cales e de Valença de Aragão; e sempre o broquel do rifião há-de reluzir em algum canto da casa, como por posse. Ora que rosto é o de tia romã, que graça das bolonhasas, ferraresas e mantuanas!

ANT. – Nisso, e em tudo é esta vossa Itália um jardim do mundo.

MIL. – E assi a cercou a natureza: de tia parte de montes altos, e de todas as outras de mar.

ANT. – Com tudo, defendemo-la mal dos estrangeiros.

MIL. – Que tanto no-la desejam.

ANT. – Também as cousas todas vão a revezes; muito tempo mandou, e agora é mandada.

MIL. – E roubada, saqueada e esfolada. Mas deixemos estar; se me houveres mester buscar-me, e seja como deve, que não percamos tempo como agora.

ANT. – De que maneira?

MIL. – Com aquele ramo com que Eneas passou todos os perigos do Inferno.

ANT. – Entendo, mas onde te acharei que certo seja?

MIL. – Em toda a parte que estiveres meia hora quedo: que eu tudo revolvo, não guardo domingo nem festa, ardo sempre de dia e de noite como um forno de vidro. Dias há que não perdi outro tanto tempo como agora. Deixo-te a Deus.

CENA IV

ANTONIOTO, só

Oh! doudinho de Antonioto, como havias mester curado desta tua cabeça! Cuidavas pola ventura que estavas em Portugal, onde todo o negócio é suspirar e dizer saudades? Torna em ti, e lembre-te onde estás. Antonioto, busca dinheiro, e não busques Milvo, nem outrem ninguém. Que farei? Quanto pudemos ajuntar com tanto trabalho, tão pouco há, tudo Guiscarda engoliu de um bocado sem deixar para tia corda, com que se homem enforcasse. Oh! má velha, pior que um cão faminto em engolir! E logo os olhos por mais certo, que não tem memória nenhüa, como dizem os galos, que por isso cantam tanto a meúdo. Quem vir as suas festas ao receber do dinheiro cuidará que já ali tem para um tempo; dando tia grã volta, não a conheceis, com quanto a vedes sem narizes como dantes. Estamos bem aviados, a velha sem vergonha, Cesarião sem corregimento, o velho escassíssimo, e que anda já sobre aviso. Quem cometerá nenhum deles? Oh! que inveja hei tamanha àqueles Davos e Sírios das comédias, que tão bons lhe serão de enganar os seus velhos babosos! Com tudo, tenho já cometido este nosso com a alquimia: diz que quem sabe fazer ouro e prata, que não há mester prata nem ouro; aos veadores dos tesouros diz que lhe não quer mostrar o seu. A quantas destas invenções há polo mundo, responde descansadamente que não compra esperanças por dinheiro; e sobre tudo não quis morrer como cuidávamos. Agora sam em prática com nossa ama per via de devações; tenho-lhe muito gravada iria convertida grega, grande minha oradora; e se por aqui não fazemos algüa entrada no coscorrinho do velho, escusadas são mais práticas de Milvo.

ACTO II

CENA

CESARIÃO, só

Este meu coração enlheiro em que práticas começa entrar comigo! Não me queria ele, pouco há, saltar do peito fora, que o não podia eu sofrer? Deixou-me ele mais dormir nem assossegado? Agora que aconteceu de novo? Mandou-se-lhe por ventura desculpar alguém, ou chora e suspira alguém de todos nós senão eu? Como? E tamanha injúria e tão rezente, pode-lhe lembrar outra nenhũa cousa? Ainda não quer, ainda nem cansa. Enquanto houve que dar, durou o amor; voou a fazenda, voou ele juntamente. Ah! isto é o que pintam ao Amor com asas: voou, fugiu, desapareceu, sem nenhũa lembrança de mim, se sam vivo se morto! Como? E tão pouco dura o amor? Cuitado de mim, que fazia fundamento dele pera toda minha vida, assi se põe tudo atrás abrindo as mãos e çarrando! Bem seria sem nenhum sentimento este corpo tamanho, se em tal ocasião falecesse a si mesmo, e não se pusesse em salvo a pesar do coração. Cheguei a noite passada àquela porta, que todas as horas me sola estar aberta de par em par aquela porta; que também parecia que já me conhecia que se me abria de seu. Apalpei-a, fiz meus sinais acostumados: que aproveitavam? Bati, bradei, tão pouco. Que mais quereis? Entrei em dúvida se errara a porta polo escuro que fazia; tornei pera atrás, reconheci tudo de novo. Aquela era a porta, aquelas as casas e janelas; mas o tempo não era já aquele que sola. Ah! como me tomou este mal tão descuidado! Doudo de mim, que cuidava que tinha aquelas vontades por minhas de juro e de herdade! e não há cousa no mundo que tão asinha passe! Que se fez de tantos suspiros, de tantas lágrimas, que se fez de tantas palavras, que se fez de tantas más palavras, que me ainda enganavam mais? Como? e fingidas podem ser tantas cousas? Enfim, que fingidas foram; aquela só hora foi desenganada, aquela, se entendimento tivesse, devia eu de estimar muito; que tanto aperfiei até que a desnarigada houve finalmente de chegar a tia janela, donde me falou estes amores que vos direi: – Quem é o vaganau importuno, descortês, que a tais horas assi bate às portas alheas? Ouvindo eu tal, o sangue me fugiu de todo o corpo e me deixou como tia pedra fria; o que ela sentindo, seguiu adiante: – Vá dormir onde ceou quem quer que é; ou, se anda em busca de algũa má ventura, pode ser que a achará aqui. E assi a tornou a çarrar com tamanho golpe, que também a mesma janela parecia que ameaçava. Aqui que desculpa pode haver? Não me conheceriam? Inda mal muitas vezes, que a outrem poderei enganar com esta rezão mas não a mim. Era tarde? Estariam pelejadas? Embebedar-se-ia a velha? Ah! quantas desculpas, que não bastam! E o pior é que mas não dá ninguém, senão eu que não devia. Bem empregado seja em mim, que já este não foi o primeiro sinal, se eu ver e entender quisera. Ora sus, será logo o derradeiro. A osadas, que bem me curaram das minhas cataratas. Quem sai de sua casa? A velha é. Por que me não envio a ela? Mas quero primeiro ver como se me desculpa.

CENA II

GUISCARDA. CESARIÃO

GUIS. – Segura-me bem esta porta, que se não abra a ninguém até que eu torne; quem algũa cousa quiser, fale de fora.

CES. – Já me viu esta aleivosa: a mintira!

GUIS. – Quem suspirar suspire, quem se queixar queixe; a minha porta, como digo, estê a bom recado, que me custou muito e bom dinheiro.

CES. – Oh! malvada, estas hão-de ser as desculpas!

GUIS. – Gentis servidores, todo seu feito é rodear-vo-la casa, espreitar às janelas, espiar os que entram e os que saem.

CES. – Que falece ali já, senão nomear-me polo meu nome?

GUIS. – E todavia às vezes te darão tia boa música de noite.

CES. – E outros amigos dentro, em quanto os encartados andam per fora.

GUIS. – E pôr-te-ão o maio à porta, com mais versos que mestre Pasquino, correrão a argola diante das janelas, e farão aquele dia tia muito boa invenção de máscara.

CES. – Esta desnarigada tudo queria que lhe metessem na bolsa.

GUIS. – No meu bom tempo tal cortesão houve aqui, que a pedraria dos seus chapins era de mais preço que a da garganta de grandes e ricas donas.

CES. – Às custas de um amigo, que por ventura prometia pobreza e castidade.

GUIS. – Aqueles chamaria eu servidores, estes de agora não se devem chamar senão emportunadores.

CES. – Ó velha falsa, ainda te Deus chegue a tempo, que ninguém te importune!

GUIS. – Aqui estavas, Cesarião, e eu não te via?

CES. – Pois, Guiscarda, dia claro é, que não de noite.

GUIS. – E que quer isso dizer?

CES. – Porque às vezes se não conhecem os amigos polo escuro.

GUIS. – Eu não digo que te não conheço, mas que te não via.

CES. – E eu que me não conheces.

GUIS. – Desde quando?

CES. – Dês que me roubaste da alma, do corpo e da fazenda.

GUIS. – Fazes mal de me assi injuriar, que eu não roubo ninguém.

CES. – Mas roubas, injurias, e sobre tudo ameaças.

GUIS. – A quem?

CES. – A mim.

GUIS. – Ah! que a isso vem as mais das vezes os muitos mimos!

CES. – Mimos, dizes: roubado, injuriado e lançado fora.

GUIS. – Pois assi queres, venhamos a todas essas tuas contas, e seja por a tua ordenança. Primeiramente ao roubado: de quê?

CES. – De quanto tinha.

GUIS. – Se por não teres mais, queres que seja muito, vás arguindo mais espiritualmente do que devias. Eu não conto senão por «três e dous fazem cinco».

CES. – Pois, por que não contas assi quantas boas obras de mim recebeste?

GUIS. – Assi seja; mas as que tu recebeste desta casa, por que também te não lembram e as não contas?

CES. – Enquanto me sentistes que dar, não me faláveis assi. Que foi daquele tempo?

GUIS. – Passou, como vês que faz: disso te queixas?

CES. – Quem vos tanto deu, como podia durar?

GUIS. – Quem tanto de nós queria, que fundamento era o seu?

CES. – Dei-vos quanto tinha.

GUIS. – E de nós houveste tudo quanto querias.

CES. – Até às almárias brutas fica algum sentimento das boas obras que recebem: este é o amor das mulheres

GUIS. – E o dos homens? Ah! que certo emprego! Sois como as andorinhas, vindes com bom tempo e com ele vos partis.

CES. – Que se fez de quanto vos dei?

GUIS. – É gastado; tu querias que ainda durasse? Até quando?

CES. – Até que me eu pudera remediar.

GUIS. – Não fazes a tua conta só; e nós entretanto de que viviremos?

CES. – Nunca te lembra senão o teu interesse.

GUIS. – Pecadora de mim, e a ti que te lembra senão o teu?

CES. – O meu interesse vem todo de amor, e o teu de desamor.

GUIS. – Renego de tal amor, que nos quer deitar a perder.

CES. – Julgai-o polas obras.

GUIS. – Durem-nos elas e durar-te-emos nós.

CES. – Ó má velha, como te não mato?

GUIS. – Parias um feito romão.

CES. – Desapressaria a terra de tão má cousa.

GUIS. – Bem podes fazer, se quiseses, que isso se ganha nestas práticas escusadas.

CES. – Foi-se sem me dar nenhũa outra esperança. Olhai as suas desculpas! Olhai, se ao menos se lhe fez algũa torvação ou sinal de vergonha, do erro tamanho que tinha cometido contra mim! Ela é ainda a que quer que se lhe desculpem. Qual é o coração que tal sofre? Que farei? Enfim, também o passear é mau remédio. Quero buscar Antonioto, que é ido a buscar outros amores novos. Mas, triste de mim, onde mos achará? Mulheres não falecem, mas amor e contentamento são os que falecem; pera que é perder tempo andando? Vejamos o que por hoje se pode aviar; tanto que não, i está esse Tibre, que tem mortas outras muitas sedes neste mundo. Assi fará a esta minha.

CENA III

FABIANO. CESARIÃO.

FA. – Não me fujas, Cesarião, que tenho grande necessidade de ti.

CES. – De pessoa tão necessitada?

FA. – Que quer dizer, que estás tão demudado?

CES. – Disso te espantas, vendo-me lançado aos leões.

FA. – Que te fazem?

CES. – Pedem-me mais dinheiro, Fabiano amigo.

FA. – Ah! cuitado de mim, já o outro é gastado?

CES. – E esquecido também, que é peor.

FA. – Ah! e não há mais razão?

CES. – Antes tem trezentas mil.

FA. – Nem mais vergonha?

CES. – Levaram-lha com os narizes.

FA. – Grande feito!

CES. – Não te benzas, que te defendera sua razão contra toda tua filosofia.

FA. – A isto me chamas tu mulheres?

CES. – Não sei, mas muito se parecem tias com as outras.

FA. – Ah! que te não acontece isto senão por grande culpa tua!

CES. – Que posso fazer?

FA. – Não te haveres contigo, como mãe com filho mimoso, que o deixa fazer tudo o que quer.

CES. – E que remédio?

FA. – Fazê-lo querer o que cumpre, com insino, se não com castigo.

CES. – Reveso destes ditos curtos, tão bons de dizer e tão maus de pôr por obra.

FA. – As mezinhas todas amargam.

CES. – Que farei ao coração?

FA. – Um coração, que a tal tempo te desempara, pera que o queres?

CES. – E tu nos teus amores assi te hás tão valerosamente?

FA. – Mal fazes de cotejar tais amores, que não tem outra cousa uns dos outros, senão o nome só, que lhe vós outros pusestes forçadamente.

CES. – Deixa-te dessas tuas sofistarias, que não posso em um mesmo dia pelejar com tantos.

FA. – Quais tantos?

CES. – Andei até agora em braços com aquela serpe de Guiscarda, e tu saís-me agora de refresco com tuas razões.

FA. – Que não podes nem somente ouvir.

CES. – Outra hora me tomarás mais folgado; então combateremos, que por agora não me falecem razões, mas forças e tempo. Deixo-te a Deus. Fabiano ainda não sabe da pressa em que meu pai anda pera me casar com Hipólita, que aos olhos deste é a mais fermosa cousa que há no mundo. A mim é ela boa filha, alva, grande e loura; fermosa é só Aurélia. Ó danças, ó jogos deste mundo, como hei-de ver eu, e não polos meus olhos?

CENA IV

FABIANO, *só*

Que grande poder é o do costume, que fez nesta terra ao amor sofrer praçaria como em qualquer outro trato, e desamarrou-o assi daqueles seus pontos tão perigosos dos ciúmes, por que cada dia em outras partes ferem e matam! Quem poderia isto crer em outra parte? que vem ir as suas amigas com outros a seus prazeres, e passam adiante com bom rosto e graça; e que estes também suspiram, também choram, também tigem e cantam os seus versos piadosos!

E o de que mais me espanto é que acontece isto a grandes engenhos, que não posso entender como empregam assi tão baixamente cousas de tanto preço. Vedes este Cesarião, mancebo desposto, manhoso, um só filho a seu pai tão rico, que mau pesar é feito dele em tão pouco tempo! Encabrestou-vo-lo assi aquela desnarigada com tia filha que tem bonita, que é tia piedade vê-lo. Anda-lhe sempre a de arredor da casa com a boca aberta como encantado; enfim outro Cesarião de todo em todo, e não é o que sola. Eu sam aqui estrangeiro e seu amigo; quisera-me hoje achar em sua companhia a ver Hipólita, que é fora de casa em tia devação; pudera assi ver melhor. Mas ei-lo que torna em grandes debates. Vem com Antonioto, todos seus caminhos são pera esta parte; andam em busca de dinheiro, dura negociação trazem. Não o posso esperar.

CENA V

ANTONIOTO. CESARIÃO. MÁRIO

ANT. – A isto haviam de vir aquelas tuas bravuras e aquele teu lançar de fogos!

CES. – Assi se engana homem consigo muitas vezes.

ANT. – Que vergonha tamanha, que espera pelejar com um leão.

CES. – O meu Antonioto, que eu não sam já o Cesarião que tu conheceste! Se estas mulheres me mandarem debar e fiar, fiarei e debarei. Inda hoje tinha algum sentimento do homem, cuidei que tinha coração e mãos. Quando veio ao tempo do mester, nem língua tive.

ANT. – Como?

CES. – Achei Guiscarda, viemos arca por arca. Que queres mais que te diga? Enfim, venceu-me.

ANT. – Não me digas tal!

CES. – É como te conto.

MÁR. – Errei em me mostrar tão frio ao requerimento do Pompónio, que anda doente e apaixonado. Torno em sua busca.

ANT. – Onde achaste?

CES. – Ante a sua porta.

MÁR. – Mas vejo Cesarião co seu Antonioto.

ANT. – Isso sim, a este tal chamaria eu homem que foi buscar o inimigo a sua casa.

CES. – A paixão me levou lá e o desejo da vingança.

ANT. – E pois que fizeste?

CES. – Estive pera me enviar a ela.

ANT. – Melhor foi assi, que era caso de prepósito.

MÁR. – Estas são as suas desavenças.

CES. – Colheram-se-me os pés e as mãos.

ANT. – Ó Cesarião, pior é já a vergonha que o dano!

CES. – Tomou-me esta desventura muito descuidado. Ajuda-me desta vez a salvar; e pera a outra, ajuda-me a matar.

MÁR. – Entretanto, mal pola fazenda.

ANT. – Que gosto podes já ter naquela casa?

CES. – Mas em qual outra posso eu já achar nenhum?

MÁR. – A tempo vim.

ANT. – Isso falece em Roma: moças fremosas e chocarreiras, que mas dava Milvo a escolher!

CES. – E queres que andemos assi, de Milvo pera Guiscarda e de Guiscarda pera Milvo?

ANT. – Não sabes o que dizem?: «quem se muda Deus ajuda».

CES. – Quem pudesse!

ANT. – Daqui a dous dias quererás morrer outra vez; antes morre agora. Pera que é comprar tão caro, tão pouco tempo, e mais de tal vida?

CES. – Asseguremos melhor nossas cousas desta vez.

ANT. – Que segurança a de Guiscarda!

CES. – E eu também da minha terei mais comedimento.

ANT. – E da sua, que não haja nenhum?

CES. – Também, que farão? Vês-lhe tu outras rendas?

ANT. – Ah! ah! ah! vens afiado das mãos de Guiscarda: quem se tomará contigo?

CES. – Não te busquei pera disputarmos, mas pera buscarmos remédio.

ANT. – Não conheces teu pai como é duro? e mais anda já sobre aviso. Sabes quanto? Disse já a tua mãe que não havia Guiscarda de ser sua herdeira.

MÁR. – Nem minha, a poder que eu possa.

CES. – E eu, Antonioto, que hei mester pera depois de minha vida?

ANT. – Um grande epitáfio de morte tão honrada.

MÁR.—Tem razão.

CES. — E tu zombas e ris: mal por quem não pode!

ANT. — Com quanto me seguravas hoje que nunca mais, bem me parecia tudo vento. Por isso, deixa-me ir dar vista a alguns laços que tenho armados. E mais não queria que a tal tempo nos acertasse teu pai de ver juntos. Manda-me as más horas e caçarei.

CENA VI

MÁRIO, só

Que suspeitosos juizes somos todos nos nossos interesses! Parece agora muita razão a Pompónio que meta eu em tal fogo a filha, juntamente e a fazenda. Ainda se os nossos casamentos fossem como os antigos, menos mal: que se faziam e desfaziam tão brevemente. Mas agora que só a morte os pode apartar, digo-vos que me requiere dura cousa. E mais não me deixando a fortuna aí, em que possa salvar esta casa, se aquela filha não... Um filho me levou na sua meninice; e polos acontecimentos em que se perdeu, uns anos tive algũa esperança; mas já agora a filha me convém de agasalhar o melhor que puder e polo filho deixar de suspirar mais. E que seja o esteo fraco pera o tal peso, que fará quem não tem outro? Antonioto torna com sua alma ; assaz tenho sabido do negócio, não quero saber mais.

CENA VII

ANTONIOTO. FAUSTA

ANT. — Mulher santíssima.

FAU. — Muito mais ainda do que dizias.

ANT. — Eu vou sempre assi atento, e queria que se achasse antes mais que menos.

FAU. — Menos, dizes? Como se teveras dito de cem partes ùa!

ANT. — Em que falastes tanto?

FAU. — Tanto? E a mim parece-me que foi um sonho.

ANT. — Sabes que sonho? que se foram as beguinas e disseram-me que elas teriam cuidado.

FAU. — Estava como fora de mim.

ANT. — Grandes segredos saberias, que nós outros cá não alcançamos.

FAU. — Nunca tal cuidei de ouvir neste corpo pecador!

ANT. — Em que falastes, se é pera dizer?

FAU. — Em muitas cousas santas: perguntei-lhe se as comadres conheciam tias às outras lá no outro mundo.

ANT. — Que te disse?

FAU. — Que era cousa muito certa.

ANT. — E a mãe ao filho não, nem o filho à mãe?

FAU. — Que me dirás a isto?

ANT. — São segredos grandes.

FAU. — Porém prometeu-me de me ensinar tia devação pera conhecerem também os parentes.

ANT. — Bem-aventurada tu; e pola ventura saberá outra pera os amigos?

FAU. — Pois que cuidas?

ANT. – Ficaríeis grandes amigas.

FAU. – Mais que irmãs.

ANT. – É verdade que vão as almas em romaria a Santiago?

FAU. – Hui! muito certo, as que lá não foram em vida.

ANT. – Assi dizem aqui estes judeus, que hão-de ir à terra da promessa, em morte, por debaixo da terra, foçando como toupeiras.

FAU. – Por isso, quem lá pode ir na vida...

ANT. – Antes, a meu parecer, será melhor depois.

FAU. – Porquê, cuitada de mim?

ANT. – Porque aquela estrada que vemos de noite não tem tantas encruzilhadas nem tantos ladrões.

FAU. – Bom é pagar cá as dívidas.

ANT. – E far-se-á com muito menos custa e trabalhos: sem passar polo mau gasalhado de Portugal, nem polas sujidades de Galiza.

FAU. – Tudo isso são trabalhos do corpo.

ANT. – Que te disse da caldeira de Pêro Botelho?

FAU. – Deus nos guarde, que estão aí sempre tantos imigos com ganhados!

ANT. – Como tripeiras na praça e frades na envolta.

FAU. – Guarde-os Deus de mal.

ANT. – Assi os pintam com suas coroas. E João de Espera em Deus?

FAU. – Viu-o e falou-lhe, parece-me que em Grécia, e nunca mais ria.

ANT. – É verdade do pesadelo, que tem a mão furada?

FAU. – E pois que cuidas? muito mal se faria logo, se tal não fosse: também me ensinou a sua devação.

ANT. – Degradam lá pera o mar colhado?

FAU. – Ai, Antonioto, em vida e em morte!

ANT. – Em vida também? Faz-me isso cuidar em teu filho, que não parece aquele, dias há.

FAU. – Muito falámos sobre isso. Diz que pode muito bem ser, quanto a vista, andar aqui e estar lá degradado: deles metidos até a cinta, deles até o pescoço.

ANT. – Hei medo, segundo teu filho anda...

FAU. – Prometeu-me de fazer sua oração por ele.

ANT. – Por te dizer a verdade, isso não me satisfaz muito.

FAU. – Porquê, Antonioto?

ANT. – Porque é costume destes privados, podendo quanto querem, dizerem sempre: «eu falarei».

FAU. – Ela mo disse com tal graça, que eu fiquei contente.

ANT. – Dão logo por feito. Somos em casa.

FAU. – Depois falaremos mais de vagar; não dê conta disto a ninguém.

ANT. – Descansa. Oh! graças deste mundo, não sei como me pude ter ao riso! Por vezes fui abalado de maneira, que dei a negociação toda por perdida: mas ela não atentava nem via, nem ouvia, que tão ocupada vinha do espírito. Estas vos digo eu que são graças, que não as dos truães frios, que estão toda a noite estudando em suas sensaborias. Oh! que leve cousa e, enganares a quem deseja de te crer! Guarde-me Deus daquele cabeçudo do nosso amo, que por mais que lhe digais e jureis, sempre está dando à cabeça. Esta si, que não duvida. Oh! que dias agora há-de levar, nos seus ajuntamentos com aquelas suas comadres, que há-de conhecer no outro mundo! Deus nos valha, que as outras não hão tão pouco de querer trazer ali suas línguas ociosas. Oh! Senhor, que ajuntar de cabeças, que revolver de olhos, que bulir de beijos, que afiar de línguas, que tia não dá lugar a outra! Cuidais que se escuitam? A propósito estão sempre esperando

tempo pera tomarem a mão, depois não a querem perder tão asinha. E aquela vem ali mais rica, que traz mais fortes casos pera contar. Que cousas dirá agora nossa ama? E que enveja lhe hão-de haver as outras? Então estes seus maridos que nos governam, mais barbudos que os ermitães dos montes ermos, são enfim governados por elas. Quantas cousas tenho hoje pera fazer!

ACTO III

CENA I

MILVO. VILHALPANDO

MIL. – Que o não digo por me estar gabando; mas quem as manda todas e as governa, senão Milvo?

VI. – Assi me dizem, que já venho a ti por fama.

MIL. – Não puderas topar em toda Roma com homem que te assi aviasse e desenganasse.

VI. – Nem tu com quem te assi pagasse: que estes clérigos todos são avarentos.

MIL. – Não pera estas obras de misericórdia corporais.

VI. – Enfim não te hás-de queixar de minha companhia.

MIL. – Sabes em que as senhoreo? sei-lhes todos seus segredos.

VI. – A la fé, que i vai o ponto. Sus, ponhamos-lhe as mios, do mais remetamos nos às obras.

MIL. – Que não há i tais testemunhas.

VI. – Aquelas são as casas, mas vejo tudo fechado.

MIL. – Oh! Em Aurélia, a bolonensa, me falas?

VI. Que olhos, que chamejam mais de dia que as estrelas de noite!

MIL. – Tão boas são as mios...

VI. – Divinas, alvas como a neve, compridas: as unhas longas e coradas.

MIL. – Assi caçam.

VI. – Queria-se-me ontem lançar da janela a baixo; hoje vejo tudo fechado.

MIL. – Tem suas ocupações; nas cousas das mulheres não hás-de ser muito especulativo.

VI.–Oh! que boca! oh! que riso! oh! que graça!

MIL. – Em superlativo grau, mas a língua?

VI. – Como?

MIL. – A da mãe digo, que dana tudo, é ùa serpente.

VI. – Encantemo-la.

MIL. – Assi é necessário. Mas com quê?

VI. – Com palavras brandas e avisadas.

MIL. – Cerra-lhe os ouvidos.

VI. – Seja com algũa feitiçaria.

MIL. – Traz defensivos.

VI. – Ou com muito de comer e beber.

MIL. – Faz todos seus partidos em jejum.

VI. – Com dádivas?

MIL. – Esse ponto me ê e toda a casa é nossa.

VI. – Sobre isso farei inda ùa gentileza com elas.

MIL.– Que tal?

VI. – Mandar-lhe-ei ùa esparsa de penas.

MIL. – Segundo a velha é toda gentil...

VI. – Esta vossa Roma toda se revolve em dinheiro.

MIL. – Somos assi parvos.

VI. – Quebrarei dez lanças de armas no canto daquela sua casa.

MIL. – Um Rolão!

VI. – Lançar-me-ei em terra e erguer-me-ei, armado de ponto em branco.
MIL. – Quem fez nunca tal?
VI. – Saltarei em um cavalo sem pôr pé na estribeira.
MIL. – Ligeireza!
VI. – Bafordarei por cima daquela torre.
MIL. – Galantarias!
VI. – Correrei a cavalo em pé na sela.
MIL. – E se ele embicar?
VI. – Lançar-me-ei fora como ùa ave voando.
MIL. – Graças que Deus dá às pessoas!
VI. – Mas pois não querem sendo dinheiro, que lho dêmos.
MIL. – Crê-me que esse é o mais certo caminho.
VI. – Parece-te esta boa moeda?
MIL. – Muitos destes me podiam fazer grande senhor.
VI. – No espiritual e temporal. Mas espera: pedirei aqui papel e tinta, e irá também a esparsa de companhia.
MIL. – Aqui te espero que as matarás de amores.

CENA II

ANTONIOTO. MILVO. VILHALPANDO

ANT. – Falei com a convertida; não se pode crer o seu espírito. Urdimos nossa tea. Agora há-de vir um ermitão dar-lhe os fios; não me parece ele muito suficiente, mas não tínhamos outro. este Milvo? Deus te salve.
MIL. – De homens ociosos e sem proveito.
ANT. – E tu que fazes agora assi estando?
MIL. – Mais do que tu cuidas.
ANT. – Sempre fazes casos.
MIL. – Espreita e vê-los-ás, se me não crês.
VI. – Não te fiz perder muito do dia.
MIL. – Não acharias aviamento.
VI. – E tu cuidavas que era eu como estes poetas, que andam sempre falando consigo, e carcarejam mais um seu verso que ùa galinha o seu ovo.
MIL. – És prestes de engenho.
VI. – Não sam desses; em dizendo e fazendo, está pronto.
MIL. – Com quantos sentidos me Deus deu...
ANT. – Malvado que me está dando de olho!
VI.

Hércules que la serpiente
Hidra mató sin temores,
tuviera gran sobrevienta
en vos requestar de amores.

MIL. – Que alto, que heróico começo: inventivo, rodante, acomodado ao propósito!
VI. – Quam fuera de cartas y coplas para requerir nuevos amores! Torno de começo.
MIL. – Dize, que estou fora de mim!

VI. –

Hércules que la serpiente
Hidra mató sin temores
tuviera gran sobrevienta
de nos requestar de amores.

MIL. – Ai, ai, ai, ai, ai! Que farei?

VI. –

Jupiter el falso Diós
amor transformado em toro,
amor transformado em oro,
como agora a mim por vós.

MIL. – Altíssima, santíssima, argutíssima: acudindo por derradeiro o nome de Aurélia!

VI. – Quanto folgo de me assi entenderes.

MIL. – Estou fora de mim.

VI. – Mas tudo isto é perdido em Roma!

MIL. – Porém em Roma há Aurélia.

VI. – Bem disseste. Ora estás aviado, negocea, que eu vou entender em certas diferenças.

MIL. – Vai e descansa; mas dás-me licença que tome o treslado?

VI. – Não por agora, depois bem se fará tudo.

MIL. – Que te parece, Antonio? Perdia estando tempo?

ANT. – Grande homem tens entre as mios.

MIL. – Não vias como se entoava?

ANT. – Todos os poetas assi são enfeitizados com suas cousas.

MIL. – Tenho-me com este ouro, que a todos contenta.

ANT. – Ah! bons são os escuidos! Vou-me, que não é tempo de ter pontos contigo, que tens tais armas de vantagem.

MIL. – Foi-se. Que me matem se este também não jaz nas redes de Guiscarda. É ela que vem acolá? Essa mesma. Aqueloutro é Cesarião; rosto fazem um pera o outro.

CENA III

GUISCARDA. CESARIÃO. MILVO

GUIS. – Passarei segura?

CES. – De quem, Guiscarda?

GUIS. – Daquelas tuas ameaças.

CES. – Tudo me esquece quanto devo de fazer. Não sei por que mo lembras.

GUIS. – Não queres que tema de quem me assi ameça?

CES. – Não é por isso, mas polo muito que me tens errado.

GUIS. – Se não queres al de mim, vou-me, que se não negoceam assi as cousas, que, muito relevam. Digo-te que dormes, e não dormem outros.

MIL. – E mais com tal moeda na mão.

CES. – Dormir dizes? Não sabes tu que tens mudado o costume aos meus olhos?

GUIS. – De que maneira?

CES. – Que todo aquele tempo que solam de dormir agora choram.

GUIS. – E de que serve? Vigia e negocea.

MIL. – E mais pera que medranças

CES. – Sempre hei-de negoçar? Té quando?

GUIS. – Sempre hás-de querer mais de nós? Té quando? Se te não aprazemos já, amigos como dantes.

CES. – Que pouco mais ou menos, toda é ùa mesma amizade.

GUIS. – Enfim, és casado, vai-te pera tua mulher.

CES. – Casado? E quem me quererá a mi desta maneira?

GUIS. – Mancebo, gentil-homem, um filho só dum pai muito rico e muito velho: és pera enjeitar?

CES. – E porém assi sam enjeitado e lançado fora dessa casa.

GUIS. – A qual casa fazes conta que se não pode manter de suspiros.

CES. – Os meus apetitos vos puseram nesse estado.

GUIS. – Que passam abrindo a mão e çarrando.

MIL. – Prática cossaira!

CES. – Depois que me houvestes às mãos a triste da minha alma e o triste de meu coração, enjeitais-me o corpo e quereis-me assi deixar morrer.

GUIS. – Tu sararás.

MIL. – Como fala ousada, porque não tem narizes!

CES. – Assi que me não dás remédio nenhum?

GUIS. – Pedes-me o que não tenho pera mim.

CES. – Nem esperança?

GUIS. – Enfim dir-te-ei ùa verdade: a nós compre-nos viver como nossas vizinhas, que todas tem amigos certos; imos já çarrando nossa conta. No lugar que ainda fica não enjeitaremos a ti tanto por tanto polo amor que te temos. E hoje haja tua reposta, que não queremos mais estar por este partido «de bem te farei».

CES. – E muito menos por «de bem te fiz», segundo me ora parece.

GUIS. – Sabes, aquela necessidade que tenho me não dá o vagar, nem o posso dar a ninguém.

MIL. – A tempo vem logo os escudos do sol.

GUIS. – Estamos assi à ventura. Não vês tu tantas formosas polas janelas e tantos ociosos polas ruas?

CES. – E a todos estes tu queres meter em casa?

GUIS. – Mas a todos esses tu quexes que çarremos a porta por amor de ti?

MIL. – Naquilo tem razão, a falar verdade.

CES. – Ora dize, pois minha mofina assi o quis, que quinhão será o meu, concertando-nos?

GUIS. – Terás tua noite na somana.

MIL. – E naquilo também comeu muito; quê-lo meter em dieta.

GUIS. – Se fores nesse conhecimento...

CES. – Do que me queres vender, como a mouro, ou judeu, ou de quê?

GUIS. – Ainda tu és tão aprendiz, que não entendes as vantagens dos servidores novos, que são tão aprazíveis a toda a casa. Querem contentar até os cães e os gatos.

CES. – Enfim, o vencido por força é que viva polas Leis do vencedor. Pois assi é que havemos de entrar ao escote, carniceira, alça o cutelo e reparte.

GUIS. – Olha não me chames depois carniceira de verdade.

CES. – Foi-se. Vou-me enforcar: estes foram os perdões!

MIL. – Como Cesarião é moço! Quero dizer, como Cesarião é parvo, que ainda não sabe que ele era o que havia de pedir os perdões! Que pressa a velha leva! Vou-me

depós ela.

CENA IV

GUISCARDA. MILVO. AURÉLIA

GUIS. – Ainda a porta não era bem çarrada, já batem. Que mau ofício será o de porteiro dos frades!

MIL. – Tá, tá, tá.

GUIS. – Ou é algum doudo, ou algum privado. Ah! bem divinhava eu!

MIL. – Que ençarramento é este?

GUIS. – Não sabe homem quem lhe quer mal.

MIL. – Quem há-de querer mal a quem não faz mal a ninguém?

GUIS. – Assi é ele, se nos valesse. Mas que mandas?

MIL. – Com que pressa te me acolheste! Ainda tu tens boas pernas.

GUIS. – Trazem-me, como dizem as raparigas de cântaro. Mas compre-te de nós algüa cousa? que já sabes como tudo é teu.

MIL. – Renego deste tudo, que nunca segura nada; mas há i porventura ocupação, ou como te me atravessas assi diante?

GUIS. – E mercadoria te parece a desta casa pera estar às moscas?

MIL. – Vou logo avante, que não há i peor negociação que a sem tempo.

GUIS. – Não me tens aqui?

MIL. – Eu buscava Aurélia.

GUIS. – Que lhe querias?

MIL. – Nada, não sei que trazia nesta manga; quisera-a convidar.

GUIS. – És servidor de capelo.

MIL. – Esse não, tir-te lá, que não é pera ti!

GUIS. – Ah, ladrão, que bons escudos! Onde os furtaste?

MIL. – Na casa da moeda.

GUIS. – Novos de agulha. Queres que a chame?

MIL. – Não, se está ocupada.

GUIS. – Hui! que ocupação pode haver pera ti?

MIL. – Ferida vai; estes são os tiros do ouro que dizem os poetas do seu deus do Amor.

AUR. – Quem é este meu servidor, que nas boas horas seja? Tu eras? Olhai os amores, que há mil anos que me não viu! Não te quero falar.

MIL. – Então de que viverei eu?

Au R. – Si, tolhes-me a vista tantos dias há, razão seria que te tolhesse eu agora a fala.

MIL. – Ora, por passar estes agravos, lancemos Lias sortes.

GUIS. – Que tais ?

MIL. – Tenho neste punho üa peça, neste outra.

AUR. – Não haja bulra.

MIL. – À fé, que não: quem acertar da melhor, a sua ventura lhe valha.

GUIS. – Esta seja a minha.

AUR. – E a minha estoutra.

MIL. – Primeiro vejamos a que tomaram primeiro: «Esparsa feita em louvor da senhora Aurélia por um grande seu servidor.»

GUIS. – Seja logo sua, vejamos essoutra.

AUR. – Isto si, esta é a minha.

MIL. – Espera, que ainda sobre isso há muito que fazer.

AUR. – Faze conta que os viste.

MIL. – Estás logo bem, que tens por onde pagar.

AUR. – Não são mais de dez escudos! Quanta hora por tão pouco! Vejamos a esparsa.

GUIS. – Que iguaria pera enfastiados!

MIL. – Lá falaremos dentro.

AUR. – Entra, minhas barbinhas de ouro, minhas perlas, que vem gente.

CENA V

APOLÓNIO. ANTONIOTO

AP. – Por aqui há-de ser, segundo a informação; hei-de esperar piloto que me navegue.

ANT. – Torno a guardar aquele ermitão. Oh! que azemel tão pesado da rédea! De quão prestes é a grega!

AP. – *Dominum, dominum, dominum.*

ANT. – E porém às vezes assi carrancudos e de má graça enganam mais.

AP. – *Dominum, dominam meum, dominum meum.*

ANT. – E os agudos que querem dar razão a tudo às vezes se perdem.

AP. – *Conturbatus, conturbatus.*

ANT. – Este é bom: vem, como dizem, em hábito e tonsura.

AP. – *Abrenuntio, abrenuntio, abrenuntio.*

ANT. – Apolónio, deixa de rezar e escuta.

AP. – Não pode homem em Roma acabar uia oração em paz! Por isso é melhor estar só na minha lapa.

ANT. – Ah! ah! ah! que também me quer enganar a mim!

AP. – Oh! tu eras? Não te conhecia. Como está a casa?

ANT. – Nosso amo repousa, nossa ama te espera.

AP. – Bem está.

ANT. – O que logo puderes recadar não o deixes pera depois.

AP. – Mas deixá-lo-ia pera dia de São Cireijo.

ANT. – Espanta, apanha e despacha-te.

AP. – Bem te ouço.

ANT. – Se te enquererem muito, faze-te agastadiço e de poucas palavras.

AP. – Tudo me lembrará.

ANT. – Aquela é a casa. Vai, muito em hora má.

AP. – Má, seja pera ti.

ANT. – Quem anda neste mundo em seu hábito, nem em seu próprio rosto? De alguns religiosos saem enganos, dos regedores as desordenanças, dos letrados as cautelas, assi como das boticas as peçonhas. E, como dizem, «os beleguines são os que roubam a cidade». De que fazem em Roma os oficiais tais quintas? Quem sai de nossa casa? O velho é. Em outro posto esperarei o ermitão à tornada, que já sabe onde há-de acudir.

CENA VI

POMPÓNIO, só

Esta minha casa toda anda trovada: a mulher dentro em puridades, fora em devações. Não sei que negoceam todos, que assi se velam de mim. Em parecendo, logo mudam a prática e todos se acenam. Quando havíamos mester mil olhos e mil ouvidos pera nos valermos de tanta gente, então perdemos o ver e ouvir. Quando nos eram mais necessários os pés e as mãos, então nem os pés vos podem trazer, nem defender as mãos; sobretudo crecem os negócios e trabalhos, falecem os passa-tempos. Sola a ser, que ao erguer da cama pedia de vistir, pera ver e conversar, e agora tremo e parece-me que peço armas pera sair a pelejar. Ó grande natureza, como foste tão bandeira por parte dos começos das cousas! Com os mininos todo mundo folga, até as suas sensorias se lhes tornam em graças. Ao contrário, com os velhos todos se enfadam, todos se carregam; antes que passemos desta vida já começamos de assombrar. As menhãs de seu natural são graciosas, as tardes tristes. E, como disse aquele grande nosso Romão, as mais das gentes fazem sua oração pera onde o Sol nace. O porque às vezes me falece a paciência, assi é ver os meninos em tão pouco tempo duas vezes dentes e a nós que nos desemparem assi pera sempre em tempo de tanta necessidade! Val-nos algũa experiência que alcançamos com os dias, por onde, assi passo como andamos, trilhamos longe. Porventura serei eu hoje tal como este meu bordão, que por isso dizem que sabe o diabo muito.

CENA VII

MILVO, só

A verdade e mais no teu ofício te encomendo sobre todas as cousas. As tafuis roubaram em outra parte, por pagarem fielmente o que fizeram bom sobre sua palavra. E logo a ti torno; já çarrou a porta, não vejo ninguém, que fazer? com quem falarei este segredo tamanho, que me não descubra? Onde acharei eu agora um mudo, e que ouvisse, pera que pudesse desabafar com ele? Ó velho parvo de Milvo, que te naceram os dentes em Florença, e agora te caem cada dia em Roma, tornares assi de novo a engatinhar! Cuidei que, ao menos neste mester das mulheres, pola longa experiência, que já tinha descoberto tudo. Velho tolo, outra vez e muitas, que hoje neste dia tornas a entavolar teu jogo de novo! Cuidei um tempo que valia com elas mocidade, aviso, nobreza, boas manhas, bom parecer. Não tardou muito que mudei a opinião, e cri outros dias que tudo estava em diligência, azos, conversação, terceiras às orelhas. Fui mais avante, afirmei-me: que o segredo estava em dádivas, e que tudo o mais era o vento, e nisto assentei. Então tinha grande passatempo com estes requebrados, mortos de amores, aqui cairei, ali cairei, sem um só real na bolsa. Agora, já no cabo da vida, venho fora de mim, com a nossa Aurélia, moça formosa, tão estimada nesta corte. Olhai quem escolheu em toda ela! Des que rimos e chocarreámos, dei-lhe todas minhas contas sem me temer de nada, senão quando supitamente sinto na moça mudança de cores e de palavras, posto que dissimulava a todo seu poder. Nisto, a velha deixou-nos sós. Ela contra mim toda demudada disse: – Milvo, a estreiteza do tempo não sofre mais; mas se algũa ora houveste de algũa cousa piedade, seja agora de mim. Moça coitada, morta de amores em poder de tão cruel mãe como sabes, sem ousar de descobrir nunca a ninguém senão agora a ti. E dizendo isto, as lágrimas que corriam em fio dos seus olhos como de

ua fonte! Finalmente morre de amores por um rafianaz espanhol, negro, crespo, narigão, que um destes dias andou às cutiladas diante da sua porta com outros tais, em que feriu e foi ferido. Diz que nunca viu cousa tão formosa, como andava cheio do seu sangue e do alheio. Oh! Senhor Deus, a mim que o conheço!... Mas aprouve-lhe!... lá e ponde-vos em razão com os apetites... Era aquela a sua hora. Então concluiu assi: – E pois agora a boa dita trouxe tal ocasião, não sejas tu só o que faleças. Minha mãe não conhece este teu Vilhalpando, nem estoutro tão pouco. Ambos são espanhóis, levemente pode passar um polo outro. Vai a este meu, e de minha parte dá-lhe todas estas contas: dize-lhe que faça muito por ser esta noite o primeiro ao entrar, do mais deixe o cuidado a mim. E se alguns passos te foram neste mundo bem pagos, estes serão como resgate de minha vida, que te ponho nas mãos. Mas se fores tão cruel que te não vençam meus rogos e lágrimas, lembra-te a que desatinos às vezes obrigam as tamanhas mágoas. A este ponto, a mãe que tornava. Ela, toda risonha, alimpou o rosto como de suor; então meteu-me o lenço no seio como gracejando, eu também dissimulei. Este é o lenço, inda com os sinais das lágrimas. Mas que vem nele atado? Oh! que galante anel, melhor muito que as lágrimas! Oh! malvada, pera me mais obrigar! Parece-vos se o diabo em cujo serviço ando me arma boas armadilhas! Se cumpro com o meu Capitão, logo o acutiladiço é comigo, se com ele, que farei a estoutro? Que hei assi de fazer senão guardar mui bem o anel; a eles enviá-los lá esta noite ambos; sua ventura lhes valha dos negócios tão empeçados. Não se pode homem desenvolver limpamente; se bons caldos mexem, que tais os bebam. Às mulheres tudo se lhe sofre, a vós nada. Cá vejo vir o meu Vilhalpando garganteando todo requebrado, prestes além.

CENA VIII

VILHALPANDO. MILVO

VI. – A elhos, compadre, a elhos, que elhos xaboneros sone.

MIL. – Já cuida que os leva todos de vencida.

VI. – Que nunca vi xaboneros vender tão bem su xabone.

MIL. – Quero-lhe falar; e mais ainda sobretudo tal melodia de garganta.

VI. – Ó Milvo, onde estava eu que te não via?

MIL. – Em outra parte.

VI. – Dizes verdade. Pois ainda este ençarramento dura?

MIL. – Eu quebrarei todos estes encantamentos; mas que xaboneros eram aqueles?

VI. – Ah! ah! Ouviste? Vai homem assi às vezes cuidando em aí.

MIL. – Eu te olho com tais olhos, que não fazes, nem dizes cousa sem fundamento.

VI. – Bem me tomaste o pulso, ia cuidando nestes clérigos perfumados, que ricas aljubas vestiam.

MIL. – Que tais rendas comem.

VI. – Querem também clérigos ter corte e damas!

MIL. – E tudo o mais tem por um pouco de vento.

VI. – Nós outros com arcabuaes às costas! Aqui ficam os dez mil, ali os vinte mil, e Roma sempre em seus prazeres! Deixa, que seu dia lhe virá como a seus vezinhos.

MIL. – É um couto do mundo.

VI. – Nós o devassaremos cedo, sem tanto «escreve cá, escreve lá». Cursores vão, cursores vem, com suas varinhas na mão, de mais virtude que as que chamam de condão.

MIL. – É ùa cidade de paz.

VI. – Tanto melhor: achá-la-emos chea como colmea, e crestá-la-emos.

MIL. – Melhor o fará Deus.

VI. – E visitaremos Roma a nova e Roma a velha, outra boa gente, onde não vedes mais de romãos que o nome e a soberba da barba alçada. Deixa que nós lha abaixaremos.

MIL. – Não curemos ora do por vir, falemos do presente.

VI. – Atrevessou-se assi estoutra prática que me levantou a cólora. Mas que tens feito?

MIL. – Tudo está por ti.

VI. – Não podia menos ser, segundo o que nela ontem vi.

MIL. – Como lhe dei os sinais, não houve mais que fazer.

VI. – Parece que lhe não esqueceram?

MIL. – Té do penacho que era branco.

VI. – Logo vos os olhos dizem o que tendes nas mulheres.

MIL. – Diz que nunca viu homem a que tão bem estivesse espada na cinta.

VI. – Que diria se ma visse na mão! E que disseram da esparsa?

MIL. – Essa acabou de fazer o campo franco.

VI. – Que certo atalho é o bom aviso em todas as cousas.

MIL. – certo foi o das cutiladas do outro.

VI. – Que diziam?

MIL. – Gabavam aquela entrada tão alta: Hércules, que la serpienta, etc.

VI. – Não há cousa que mais obrigue que os exemplos. Que apontou mais?

MIL. – Mil primores.

VI. – E porém nomeadamente?

MIL. – Aquele passo divino: «amor transformólo em oro, como agora a mim por vós».

VI. – Logo te ficou na cabeça.

MIL. – Pera que te hei eu de negar a verdade? Sei-a de cor.

VI. – Que xaque te pareceu esse em descoberto ao nome de Aurélia?

MIL. – Com que ganhaste a dama.

VI. – Ah! ah! ah! Pois que lhe aguardamos mais? Não sabes que as mulheres são vianda de sartã, sopar e comer?

MIL. – Façamos primeiro nossas cousas a recado; tu és apetitoso e liberal, a velha falsa e cobiçosa.

VI. – Eu curarei tudo, como for em casa.

MIL. – Deixa-me por agora capitanear.

VI. – Que entendes fazer?

MIL. – Um contrato desaforado per que vivamos: eu farei aquela velha ver as estrelas no meio-dia.

VI. – Logo assi no começo?

MIL. – Deixa essas culpas a mim, já me declarei com ela. Que, menino Milvo, o tempo ao dar do dinheiro é nosso: ajudemo-nos dele.

VI. – Parecei outra mercadoria?

MIL. – Esta é a mais duvidosa em Roma. Por isso faze que não entendes, que eu vigiarei; vou fazer meu contrato.

VI. – Vai e torna com tempo.

MIL. – Logo sam contigo. Agora me cumpre ainda mais este contrato que nunca, por me salvar de suspeitas. Vou-me em busca do das cutiladas, que não é pera brincar, com o infiamento e determinação daquela douda. Assi começarei de andar de

Vilhalpando em Vilhalpando.

ACTO IV

CENA I

FABIANO, *só*

Vi Hipólita. Mas que é aquilo que eu vejo nos seus olhos? Certo isso que ele é, não o vê outrem ninguém senão eu. E assi eu só sam o que viveria de sua vista sem outro mantimento nenhum. Todos sabemos que as esmeraldas são de grande preço, mas poucos alcançam suas diferenças. Estas estátuas antigas quanto que as prezam aqui e em toda Itália! As outras gentes não querem somente olhar pera elas. Donde podemos julgar que outra vista há mais certa em nós que a dos olhos. Quem acaba de ver aquela divindade de Hipólita? quem o seu espírito em quanto ela diz e faz? quem a sua mansidão, de muita maior força que todas as armas do mundo? quem o seu calar tão cheo de entendimento? Finalmente aquilo que eu não sei dizer, quem é o que vê, e mais em terra de vistas tão ocupadas? Certo, quanto a mim, mais me faz crer Hipólita que senhoreou esta sua terra o mundo todo, que não o que lemos dela, nem o que vemos desses seus teatros, termas, arcos triunfais; o que também me faz mais espantar destes mancebos romãos lançados assi todos òs amores das cortesãs, que enfim são mulheres públicas, deixando as suas naturais tão fremosas e honestas como desprezadas. Oh! torpeza, oh! descaimento daquele sangue romão, que tão caras comprou as suas Sabinas! Mas... vejo Antonioto; afadigado anda. Como não andar, se busca cousa tão fugida como é o dinheiro!

CENA II

ANTONIOTO. FABIANO

ANT. – Dias há i que os homens não podem ir avante com cousas que comecem.

FA. – Estes são os mais neste campo.

ANT. – Isto chamam nadar, e nadar e morrer à beira.

FA. – Quê, em tais bancos de Frandes navegas?

ANT. – Té Cesarião que busco, pera lhe dar novas, não o posso achar.

FA. – Jará naquela casa.

ANT. – Ó Fabiano, saber-me-ás dizer de Cesarião?

FA. – Hoje o vi; e deve de estar onde te disse.

ANT. – Já é de lá degradado, e não sei ainda se pera todo sempre.

FA. – Assi o fizesse Deus: que é ùa grande quebra e vergonha sua andar como anda.

ANT. – Com tanta dor de seu pai e de sua mãe.

FA. – E dos seus amigos.

ANT. – Tendo-o seu pai casado tão bem por tantas vias.

FA. – Em que parte?

ANT. – Ele to dirá, se to ainda não disse.

FA. – Segredo é que todo mundo saberá cedo, se assi é.

ANT. – Não é ainda cousa muito certa.

FA. – Assi duvidosa ma hás-de dizer.

ANT. – Deixa-me, que vou depressa.

FA. – Não deixarei; conta-ma e irás mais leve.

ANT. – Isto é força? Chamarei aqui del-Rei.

FA. – Está longe, não te ouvirá.

ANT. – À fé, que me não descubras.

FA. – Como se fizeres ùa cova na terra a que o dissesses.

ANT. – Nem essas não mantêm segredo. Olha que me fio de ti.

FA. – Dize seguramente.

ANT. – Com ùa filha deste nosso vizinho.

FA. – Qual vizinho?

ANT. – Mário, que deves de conhecer.

FA. – Com Hipólita?

ANT. – Não tem mais de ùa, e assi cuidado que se chama. Deixa-me passar.
(*Encostou-se Fabiano, e fica como pasmado.*)

FA. – Antonioto! Não parece? Caíram-me as mãos, foi-se-me a vista dos olhos. Entretanto ele partiu e deixou-me morto, como dizem dos partos. Ah! fé boa e santa amizade, tão má de achar neste mundo todo falso, todo cheio de enganos e maldades! Os segredos da minha alma, Cesarião os sabia todos; os seus sabe-os todo mundo se não eu. Ele que mos encobriu, não foi sem causa. Poderão tal sofrer os tristes dos meus olhos? E ainda que daqui fuja, poderá o triste do meu coração sofrer tal? Onde quer que ele vá, esta só é a dor que o pode matar, e ela me matará. Ah! triste de mim, que nem aqueles meus amores tão limpos puderam ser sem fel e sem lágrimas! Onde as irei encobrir, que me assi descubrem?

CENA III

POMPÓNIO, só

Que farei, onde me acoutarei? Aos amigos? Donde os acharei eu? Às casas de oração? E aí que há muita hipocresia! À minha? E ela é toda posta em poder de meus imigos! Estes eram os conselhos e puridades? Nisto haviam de vir parar as devações de minha mulher? Té os ermitães do ermo me saqueam a casa! Se foram soldados, aquele é o seu ofício, mas ermitães? Dum descalço, barbudo, todo coberto de seu capelo, quem se havia de temer? Depois, culpam os velhos de suspeitosos. Que faremos a tanta maldade como cada dia vemos? Acertei de ver hoje aquele encapotado ao sair de minha casa. Logo disse antre mim: Não abastava a este dia nove beguinhas, se não ainda tal ermitão? Não me repousou o coração mais: vou-me após ele, que tão pouco não era muito desenvolto dos pés, a paixão me deu também boa ajuda. Finalmente entrou em ùa tenda de um ourives, e começava a tratar do preço de um firmal de minha mulher, que eu conheci de ùa légua. Não tive mais paciência, lanço-me também dentro e empolguei logo o firmal, bradando por justiça. Magoado sam porque me fugiu o ladrão, que a presa nas unhas me ficou; caímos ambos na terra, não pude mais fazer. O ourives diz que nunca tal ermitão viu salvo aquela hora. Eu também, se me dera mais devagar, tresmalharam-me o firmal. Então citai e demandai. Antes não quero saber tanto do negócio. Porém se eu não erro minhas contas, Antonioto é o trusimão. Mas por agora quero dissimular e cobrar fôlego, que venho morto.

CENA IV

TREFO. ANTONIOTO

TRE. – Falando vai o velho consigo. Cesarião não parece, nossa ama reza: quero-me lograr do dia.

ANT. – Pera cá me disseram que vinha um perdido; quem o achará? Vejo Trefo que sai de casa.

TRE. – Irei ver a justiça que se hoje faz pomposamente; dizem que vai em ùa carreta rodeada de suas vitórias pintadas. Vejo Antonioto; o diabo o agora traz.

ANT. – Trefo! Ah, Trefo! Não ouves?

TRE. – A palavras loucas orelhas moucas.

ANT. – Faz que não ouve. Saber-me-ás dar novas?

TRE. – De quem, filho de dous roins?

ANT. – Deu-mas, mas foram de meu pai e de minha mãe. Torna cá.

TRE. – Teu avô marmelo torto: tenho aí que fazer.

ANT. – E de meus avós também. Ainda se está rindo!

TRE. – Não rio, mas arreganho-me.

ANT. – Como um cão que és.

TRE. – Mas como a cão que és?

ANT. – Que dizes, roim?

TRE. – Que falo com outro.

ANT. – Por esta dum rapaz, olha que a beijo.

TRE. – Não por muito bem que lhe ora queiras.

ANT. – Por esta que me aqui Deus pôs.

TRE. – Por esta em que vós outros o pusestes.

ANT. – Ah!... dum porco!...

TRE. – Por isso te aborreço tanto.

ANT. – Má carne...

TRE. – Por tanto, ora me chamas Trefo, ora porco.

ANT. – Viste Cesarião?

TRE. – Muitas vezes.

ANT. – Sabes onde o acharei?

TRE. – Por este direito.

ANT. – Está amostrando cornos! Por onde vai, cão perro?

TRE. – Caminho da praça judea. Vem-se chegando.

ANT. – Espera, má cousa!

TRE. – Não é tempo.

ANT. – Vejamos quem corre mais.

TRE. – Quem mor medo houver.

CENA V

VILHALPANDO. MILVO

VI. – Ora vejamos este contrato em que tanto te confias.

MIL. – Temos negócio com o mesmo diabo, mas deixa-me que eu te assegurarei daquela velha.

VI. – Crê-me que não há-de brincar comigo.

- MIL. – Ora provam forças, ora manhas: às forças acudirás tu, às manhas eu.
- VI. – Nesta vossa Roma tudo é papel e tinta.
- MIL. – E nem assi pode homem sair de dúvidas.
- VI. – Assi acontece onde há pouca verdade.
- MIL. – Escuta e leo somente as forças: «Tal dia de tal mês e tal ano...»
- VI. – Entendo.
- MIL. – «O capitão Vilhalpando...»
- VI. – O senhor te ficou no tinteiro.
- MIL. – «O senhor capitão Vilhalpando dúa parte e Guiscarda da outra, fizeram, concertaram, contrataram desaforadamente. .
- VI. – Espera, que me não parece cousa conveniente contratar eu com Guiscarda.
- MIL. – Diremos logo assi: «e doutra parte Milvo polo senhor capitão».
- VI. – Não vês quanto melhor está assi?
- MIL. – Como de branco a preto. Digo mais: «que ele dito senhor capitão desse à dita Guiscarda trinta escudos de ouro do sol».
- VI. – Dos que neste ano lhe renderam os franceses.
- MIL. – Porei ou não?
- VI. – Estou gracejando contigo, vai adiante.
- MIL. – «Dos quais trinta escudos acima declarados, a dita Guiscarda logo i confessou que tinha recebidos dez por mão do dito Milvo, feitor dele, dito senhor capitão.»
- VI. – Este nome de feitor é muito mercantil.
- MIL. – «Por mão do dito Milvo seu procurador.»
- VI. – Pedir-te-ão logo conta da procuração.
- MIL. – «Por mão do dito Milvo, do qual ele dito senhor capitão se quis servir neste caso.» A ver se acabaremos.
- VI. – Assi está mais cortesão.
- MIL. – «Os outros vinte lhe dará, entregará, pagará...»
- VI. – Emenda: lhe mandará dar, pagar e entregar.
- MXL. – Já emendei.
- VI. – Adiante.
- MIL. – «A cada quinze dias seguintes outros dez escudos...»
- VI. – Dize i mais: por lhe fazer graça e mercê.
- MIL. – «Por lhe o dito senhor capitão fazer graça e mercê.»
- VI. – Prossigue.
- MIL. – «Isto durante o tempo do seu contrato como se declarara.»
- VI. – Está bem: dize mais.
- MIL. – «E logo assi mesmo da outra parte, a dita Guiscarda em seu nome e de Aurélia sua filha...»
- VI. – Não guardas o decoro.
- MIL. – Como?
- VI. – Não vês tu que é ela minha senhora?
- MIL. – Sam no cabo: «em seu nome e da senhora, a senhora Aurélia Bolonhesa, sua filha...»
- VI. – Está como deve; dize mais.
- MIL. – «Prometeu, concertou e declarou que dos primeiros dous meses seguintes, contando trinta dias por cada mês, todas as terças-feiras e as quintas de cada somana, elas lhe despejem a casa.»
- VI. – A minha ou a sua?
- MIL. – Bem apontas, que são aves de rapina, mister há declarado: «que elas lhe

despejem as casas em que ora vivem de toda viva pessoa.»

VI. – Não digas tão pouco assi, que eu não hei mester as paredes.

MIL. – Onde dizia de toda viva pessoa, ponho de toda pessoa de fora.

VI. – Não vês quanto releva ùa só palavra?

MIL. – Às vezes mais do que a razão quer, por isso não lhe hajamos dó delas.

VI. – Dize mais.

MIL. – «De sorte, modo, forma e maneira.»

VI. – *Jure, via et causa.*

MIL. – A que propósito?

VI. – Tudo acham que aproveita.

MIL. – Muito embora: «*Jure, via et causa*, que sendo o dia seguinte terça-feira, como será de manhã, logo a noite de hoje faça por ele dito senhor capitão com seu dia, e outro tanto as quintas-feiras de cada somana, durante o termo dos dous meses, como dito é.»

VI. – Como o cuidaste agudamente em obrigares primeiro as noites! Dormiremos as manhãs.

MIL. – Estes são os meus pontos; que se fora pera cavar e roçar, primeiro metera os dias.

VI. – Ah! ah! ah! Como és salgado! Vai adiante.

MIL. – «E, acabadas as ditas noites, o sobredito senhor capitão lhes tornará a despejar sua casa.»

VI. – Declara: por sua cortesia.

MIL. – «Por sua própria e livre vontade e pura cortesia.»

VI. – Depois que te homem põe no caminho, muito bem assentas tudo.

MIL. – Nos primores de honra não sam tão usado; do mais, descansa.

VI. – Vai por teu contrato adiante.

MIL. – «Nos quais dias assi obrigados, das portas a dentro não haverá nenhum negócio...»

VI. – Praticamente.

MIL. – «Puridade, nem acenos, nem outro mistério algum...»

VI. – Muito bem.

MIL. – «Remoques nem palavras com dous entenderes.»

VI. – Nem dirivações.

MIL. – Bem me lembras, que aprazem ainda muito a certa gente: «Não haja ciúmes, nem achaques.»

VI. – Os ciúmes todavia não se escusam nos amores. MIL. – «Ressalvando sempre os ciúmes, a que se não pode poer lei.»

VI. – Galantemente: prossigue.

MIL. – «Não terá a dita senhora Aurélia aqueles dias amigo, ainda que seja de boa amizade, nem parente, ainda que seja irmão.»

VI. – Bem te seguraste dos primos.

MIL. – «Serão assi mesmo os sobreditos dias forros, livres e isentos de todo jejum, voto, romaria e de toda devação.»

VI. – Muito bem: prometam do seu, se quiserem.

MIL. – Por isso não vês que dias te escolhi? Que em um deles cai sempre o entrudo, e no outro a quinta-feira das comadres?

VI. – Festas corporais, que se fazem guardar por si.

MIL. – «Não suspire, nem ande cuidosa, não lhe venha dor de coração...»

VI. – Nem dê olhado, que é muito de fremosas.

MIL. – «Nem lhe virão i cartas de sua terra.»

VI. – Como dizes bem! que tresandam toda a pessoa e nunca a deixam como a tomaram dantes.

MIL. – É muito grande verdade: «Não saiba ditos, nem motes.»

VI. – Tem i ponto: nem contos de seus monseores.

MIL.–Ah! Ah! Ah!

VI. – De que te ris?

MIL. – Deixa-me primeiro matar de riso. Ora vê aqui por que me ria.

VI. – É verdade que assi o tinhas assentado.

MIL. – Polas mesmas palavras.

VI. – Ora dize mais.

MIL. – «Não lave aquela noite a cabeça, nem ande de rodilhado.»

VI. – As moças fremosas são assi mais frescas.

MIL. – Em tua escolha é, eu queria arredar inconvenientes.

VI. – Enfim dizes verdade, seja tudo obra chã.

MIL. – «Não tangerá, nem cantará tão alto que possa ser sinal aos de fora.»

VI. – Quantas vezes me já isso aconteceu com as amigas alheas!

MIL. – «Aqueles dias, tudo seja música de câmara.»

VI. – Delicado ponto.

MIL. – «Não haja menino em casa, que ela tome nos braços e beije à janela de beijos chupados.»

VI. – Que às vezes se ouvem no cabo de toda a rua. MIL. – «Os convidados e amigos dele, dito senhor capitão, tratar-los-á a dita senhora igualmente.»

VI. – Si, que são muito de bandos, mais que os catalães.

MIL. – «E assi seja a mesa larga e haja sempre muitas candeas, não fiquemos todos às escuras.»

VI. – Bem te acautelaste dos pés ao claro, e das mãos ao escuro.

MIL. – Por se homem acautelar não perde nada. Digo mais: «Não ensine por aqueles dias o seu papagaio a dizer: meus olhos, minha alma, minha vida, beijai-me.»

VI. – Matas-me de amores.

MIL. – «Não consinta que se lhe chegue ninguém a ver as suas jóias, gabem-lhas de longe; o que quiserem comprar busquem-no nas tendas.»

VI. – Falas como um Séneca.

MIL. – «Assi mais, durante o tempo não mudará nome, nem casa.»

VI. – Dizem-me que muito o costumam estas vossas cortesãs.

MIL. – Por levarem muitas novidades. Ora são Aurélias, ora Faustinas, ora Dianas. Falece algũa cousa?

VI. – Tudo está de mão de mestre.

MIL. – «E por aqui houveram seu contrato por acabado, prometendo de haver tudo por rato, grato, firme e valioso: renunciando juiz e juizes de seu foro.»

VI. – Não cuidei que eras tão prático.

MIL. – «E rogaram a mim sobredito Milvo...»

VI. – Isso é muito destes notários, que dizem sempre no fim: «rogado e requerido».

MIL. – «E assi mandaram ao dito cabrão de Milvo que o escrevesse.»

VI. – Parece que te anojaste?

MIL. – Antes te digo que topaste com um homem muito pontoso.

VI. – Não pode estar melhor. Vai e assina.

MIL. – Que enfadonho pontoso! O acutiladiço não há também de querer perder ponto de diligência. Lá se avenham; a noite é, como dizem, cama de órfãos: cubram-se com ela. Ah! com quanta fadiga ganhamos este inferno!

CENA VI

CESARIÃO. ANTONIOTO

CES. – Assi me contas?

ANT. – Assi deitou a perder aquele bilhardão tantos trabalhos e esperanças.

CES. – E a minha vida também deu volta.

ANT. – Que faremos à fortuna, quando ela não quer? Por hoje escusado é mais negócio. Virá a minhã, então pera todos amanhece.

CES. – Um velho cepo como é meu pai! Olha não nos engane esse ermitão também a nós.

ANT. – Não queres que me fiei dos meus olhos.

CES. – Com um vilão robusto.

ANT. – Assi se a deferença fora sobre o seu capelo, ou lho levará ou não.

CES. – Que viste da batalha?

ANT. – De ùa parte ir fugindo o ermitão desgrenhado, a barba no ar, o bater dos tableiros, e apupada após ele; da outra parte teu pai todo sujo da tenda, bradando justiça.

CES. – Quantos i ririam do meu mal tamanho.

ANT. – Té Antonioto se não podia ter.

CES. – Oh! que somos descobertos! Que faremos?

ANT. – Se o próprio ladrão escapou, não escaparemos nós? E mais dando fiador, não nos valerá em casa, o qual vai polas audiências?

CES. – E de Guiscarda quem me livrará?

ANT. – Por esta noite encomenda-te àquele derradeiro remédio da paciência.

CES. – Onde passarei tamanha noite?

ANT. – Em tua casa. A mim que a não tenho, deixa-me passear por estas ruas.

CES. – Passea, que a mim escassamente me podem já trazer as pernas.

ANT. – Todavia recolhe-te, não faça aí. Eu vigiarei e apanharei novas. Vai-se, quero espiar o que faz.

CENA VII

O segundo VILHALPANDO, só

Se me esta ventura sai como eu espero, quem é hoje mais bem-aventurado que eu? De ùa parte estam em Roma, onde homem não sabe de quem se fie; tenho imigos, o negócio é de noite, e hei-de ir só; de outra parte Milvo. Por que me enganaria? Que lhe fiz? Dá-me sinais certos do dia das cutiladas, em que me houveram ali de matar.

Muito bem me lembra, que vejo a janela: e agora entendo que a sua vista me salvou. Oh! há i cegueiras deste mundo! onde os meus imigos cuidaram de me matar, i me deram a vida! Enfim, baralhados são os dados, caiam como quiserem: agora é muito mais tempo de lhe aprazer o meu esforço; por isso antes quis perder por cedo que por tarde. Andarei por aqui aguardando o escuro; vista deu à janela, não sei que disse. já agora muito há-de saber quem me tomar a porta!

CENA VIII

ANTONIOTO. Os dous VILHALPANDOS
TORQUEMADA. GUISCARDA

ANT. – Cuidei que se me fosse Cesarião lançar no rio, e ele pera lá faz ùa ponta: mas finalmente tomou meu conselho e acolheu-se a casa. Eu por agora não quero entrar co velho em campo çarrado; antes quero cá andar por fora às minhas aventuras.

VI. II – Determino de acometer a porta afoutamente, que sempre valeu muito a segurança do coração e das palavras. Tá, tá, tá. Já vem. Cuidado havia em casa.

ANT. – Entrada é a fortaleza sem muita bateria: mais bateu Cesarião a noite passada.

VI. – Sempre o diabo a tais tempos traz embaraços de que me não pude desenvolver mais cedo; mas o contrato me assegura.

ANT. – Outro vem e leva a mesma viagem. Mas antes parou; quero-o espreitar.

VI. – Paje, bate a essa porta.

PA. – Tá, tá, tá.

ANT. – Parece-me que tarde piache.

VI. – Bate bem. Hás dó da porta?

PA. – Não hei senão da minha mão.

VI. – Toma ùa pedra, que à minha porta bates.

PA. – Trás, trás, trás.

ANT. – Ao capitão mintiram-lhe as espias, a quanto vejo.

VI. – Espera, que ouço falar dentro.

PA. – E rir também. Mande Deus não seja de nós.

VI. – Escuta, rapaz, que tanto falas.

GUIS. – Quem quebra essa porta?

VI. – Quem já tem quebrados os olhos olhando se aparecia alguém.

GUIS. – Quem é o galante dos olhos quebrados?

VI. – O maior servidor.

GUIS. – Quem?

VI. – O que de vencido venceu.

PA. – Como é parvo este meu amo!

GUIS. – Cada noite havemos de ter quebradores de portas!

VI. – Aberta me houvera ela de estar por obrigação; mas parece-me que nesta terra nem contratos desaforados valem.

ANT. – Bem começa a noite.

GUIS. – Ó Roma, que patranhas são as tuas?

PA. – Esta é ùa das boas.

VI. – Que contrataste hoje com Milvo?

GUIS. – O que eu com Milvo contratei, eu o compri.

VI. – Não, certo, ainda até agora.

GUIS. – A bem virá este negócio.

VI. – Não sei, mas ele mal começa.

GUIS. – Por cuja culpa?

VI. – Da porta, que ainda está fechada.

GUIS. – Abriu-se a quem se havia de abrir.

VI. – Ora, pois, já que hei-de falar da rua: não se havia ela de abrir ao capitão Vilhalpando por seu contrato?

GUIS. – É muita verdade.

VI. – Pois como o tendes assi de fora em tantas práticas?

GUIS. – Ai, minha mãe! que quer isso dizer? E tu quem és?

VI. – O mesmo que se nunca negou nem negará.

GUIS. – Oh! graça das graças! Filha Aurélia, temos à porta outro capitão Vilhalpando!

PA. – Este só bastava pera enfadar o mundo, quanto mais dous.

VI. II – Que zombarias são estas, ou que borracharias?

VI. – As zombarias e borracharias são as dessa casa, que de fora não se fala senão muita verdade.

VI. II – Que tu és o capitão Vilhalpando?

VI. – E tu nega-lo?

VI. II – Salvo se tu és eu.

VI. – Tu vê quem és, que eu sam o capitão Vilhalpando, conhecido na guerra dos grandes e dos pequenos.

VI. II – Na guerra bem nos aviremos: por agora, quem te fez i vir?

VI. – Milvo, por cujo meio contratei.

VI. II – Que graça tamanha seria, se i também houvesse dous Milvos!

VI. – Eu digo o que levou a esparsa.

VI. II – E eu o da esparsa digo.

VI. – O que levou os escudos?

VI. II – Eu o dos escudos digo, senão que eram todos do sol.

VI. – O do contrato desaforado?

VI. II – Por virtude do qual esta casa é agora minha com suas vinte e quatro horas.

VI. – Milvo, florentino, muito mau cabrão!

VI. II – Esse mesmo.

PA. – Se quererá este também ser meu amo?

VI. – Que gente capitaneaste? Que desafios fizeste? Em que feitos de armas te achaste?

VI. II – Não são contas pera aqui: pidi-mas em outra parte.

VI. – Como diz essa tua esparsa?

VI. II – «Hércules que le serpienta», etc.

VI. – E tu a fezeste?

VI. II – Não toda, por te dizer a verdade: o começo já é velho, o cabo lhe enxeri eu como a gavião.

VI. – Os escudos quantos foram?

VI. II – No mais de dez, em começo de papa.

PA. – Quero dizer a meu amo que acudamos a casa, antes que lá vá estoutro apanhar tudo.

VI. – Ah! Roma! ah! Milvo! ah! mulheres!

VI. II – Mas por que não falas tu na empresa que a senhora Aurélia mandou a esse capitão Vilhalpando seu servidor?

VI. – Por quem?

VI. II – Polo mesmo Milvo.

VI. – Que empresa?

VI. II – Um lenço, com que primeiro alimpou o seu fremoso rosto.

PA. – Calou nosso amo: parece-me que com o outro havemos de viver todos.

VI. – Mas seja assi, partamos logo esta deferença à espada. Pera que há-de haver tantos Vilhalpandos?

VI. II – Como? Hás medo que nos fuja o tempo? Deixa vir o dia.

VI. – Não, mas hei medo que me fujas tu.

VI. II – Então que queres mais que fiques por um só Vilhalpando?

VI. – Agora me

VI. II – Por agora quero-me assi estar em minha posse. Depois, quem me algüa cousa quiser requeira-me por u e como deve.

VI. – Ah! Romanisco falso e litigioso!

VI. II – Vai passear, que a senhora Aurélia me tem preso e não me deixa lá sair.

VI. – Ora, capitão Vilhalpando, novamente descoberto, estás bem agasalhado por esta noite e eu mal. De manhã eu passarei por Santo Agostinho té às dez horas com um penacho branco. Quero eu ver quem é o Vilhalpando que por i parece com outro tal sinal, pera que nos conheçamos.

VI. II – Logo queres que tenha eu penacho branco?

VI. – Tens-me o meu nome, tens-me a amiga, tens a minha esparsa e o meu contrato, e só o penacho branco te falece?

VI. II. – Ora vai, que não falecerá.

PA. – Fechou a janela; quisera-me primeiro declarar com ele e contigo.

VI. – E de quê?

PA. – Com qual hei-de ficar?

VI. – Queres que te esbarre àquela parede? Onde acharei Milvo? E entretanto onde acharei paciência?

PA. – Quando te não abrem a tua porta, como te abrirão as alheas?

VI. – Não te queres calar? Recolhamo-nos.

PA. – Recolhamos, que enfim sempre ouvi dizer que melhor era o meu que o nosso.

VI. – Judeu, cabrão, que fala às portas fechadas... Eu o acolherei.

PA. – Dá-o ò demo; grandes sinais dava.

VI. – Que sinais? Os que lhe disse Milvo?

PA. – E de Aurélia, que era perdida por ti, que dizia? Ouvia e calava.

VI. – De manhã sairemos de todas essas dúvidas.

PA. – Mas sempre ouvi dizer que em Roma nem de si mesmo se há homem de fiar; e agora o vi claramente.

VI. – Por que me fiei de Milvo?

PA. – Não digo senão de ti mesmo ao pé da letra, que quando foste já te lá achaste.

VI. – Tu queres pagar por todos?

ANT. – Oh! graça, oh! sabroso acontecimento, oh! Cesanão, que assi empregas bem teus suspiros e as tuas lágrimas! Quem te me aqui dera! Tu queres morrer de amores por Aurélia e vós, Vilhalpandos a pares. Já me é necessário esperar a manhã andando por estas ruas.

ACTO V

CENA I

MILVO, só

Não pude esperar o dia na cama: este coração, como te toma em algũa culpa, não te deixa comer, não te deixa dormir. E que durmas, os sonhos não te deixam. Toda esta noite andei às costas com os meus Vilhalpandos, eles me deitaram da cama e da casa e tais horas que ainda bem não amanhece. Se bom anel tenho, caro me custa; e cuidam os que cavam e roçam que eles sós comem o seu pão com o suor do seu rosto! E Milvo também; senão, quanto aqueles descansam a noite e os dias santos, outros há i que não.

Assi que venho, como digo, a descobrir terra, e desejo muito saber qual dos aventureiros esta noite houve melhor ventura; mas, a tais horas, de quem o poderei saber? Quem vejo eu cá vir? Também madruga aquele, como eu.

CENA II

ANTONIOTO. MILVO

ANT. – Quantas cousas vi esta noite por Roma! Quem quiser saber segredos não durma. Todavia não é ela cousa muito segura, nem da regra de viver em paz: que não fosse senão polo ar da noite, que me tamanha e tão pesada faz esta cabeça.

E todavia melhor é dormir a noite, que pera isso foi feita. Pola ventura esta foi a causa por que a natureza deu tamanhos toucados às corujas e às outras aves à noite. Mas vejo eu Milvo? Aquele é. Logo me pareceu que havia de acudir a saber novas. Eu lhas darei: Venha Milvo muito nas boas horas!

MIL. – Assi faça a meu amigo Antonioto, que por aqui encontro tantas vezes.

ANT. – Madrugas assi os outros dias?

MIL. – Como se esta noite não pude dormir.

ANT. – Nem eu tão pouco: há i delas assi feitas.

MIL. – E mais quando as pessoas tem que fazer.

ANT. – E muito mais quando o já tem feito.

MIL. – Não entendo o que dizes?

ANT. – Nem eu o que fazes: que renego de tais emburilhadas.

MIL. – Que farte vão por Roma.

ANT. – E dizem que quem muitas estacas mete algũa prende.

MIL. – A que propósito?

ANT. – Deus me entende.

MIL. – Eu não.

ANT. – E tu também: Vilhalpandos de dentro, Vilhalpandos de fora...

MIL. – Ah! ah!

ANT. – E todos alegam com Milvo e seus contratos.

MIL. – Morto sam!

ANT. – E com ùa esparsa.

MIL. – Já! já! Eu tenho a culpa por te dar parte de meus segredos.

ANT. – E do contrato, quem mo disse?

MIL. – Falas assi a divinhar!

ANT. – E adivinho de um lenço, que o de dentro tinha de vantagem?

MIL. – Dou ô demo tantos sinais: parece-me que o moço de esporas andou de pés.
 ANT. – Oh! já essoutra é pior! Donde houveste anel?
 MIL. – Que tens tu de ver co meu anel? Houve-o de minhas aventuras.
 ANT. – Olha não se te tornem em desaventuras.
 MIL. – Mui pontoso vens contra mim esta menhã; fiz-te algum desprazer?
 ANT. – A mim não, mas fá-lo-ias a outrem, que mais releva.
 MIL. – Não hei medo a ninguém.
 ANT. – Sempre te assi conheci por esforçado; lá te avém.
 MIL. – Foi-se este anel; há-de ser de Cesarião. Fiz mal de me não descobrir mais, e soubera também das outras envoltas, que dizia. Após ele vou.

CENA III

AURÉLIA. GUISCARDA

AUR. – De pedra dura que os corações fossem, per força se haviam de afeiçoar mais a ùa pessoa que a outra.
 GUI. – Estas são as vossas doudices, cabecinhas de vento! Tempo virá em que digas: quanta verdade me falava a velha de minha mãe!
 AUR. – Doutra parte também bradas, se lhes não mostro amor.
 GUI. – Quantas vezes te tenho dito que amostres amor a todos e que o não tenhas a ninguém!
 AUR. – Assi há-de ser ùa mulher igual a todas como ùa alimária?
 GUI. – Ah! douda, douda! Tu virás a morrer de fome, que eu também já fui fermosa. Ajuda-te do tempo, que passa muito asinha.
 AUR. – Se lhes eu não tomar o coração com minhas branduras, que poder terás tu sobre sua fazenda?
 GUI. – O teu coração queria eu que te eles não tomassem. A um soldado espanhol, que não deixam cousa que não roubem, havias de mostrar tanto amor?
 AUR. – Tínhamos necessidade desta licença; assi viste quão levemente no-la deu?
 GUI. – Ele se tornará a entregar, se os eu mal não conheço. Sabe Deus que a pressa me fez a mim aceitar o partido: não viste logo as envoltas ?
 AUR. – Dás-mos por amigos e queres que os trate como inimigos?
 GUI. – O que te eu mando, o que te eu digo, o que te eu aconselho assi é: que os trates a eles, como eles tratam a ti. Querem lograr essa tua mocidade: não os poupes.
 AUR. – Assi vês que o faço.
 GUI. – Inda mal muitas vezes, porque nem eu posso tornar a essa tua idade, nem tu nela conheceres os meus bons conselhos.

CENA IV

MILVO. AURÉLIA

MIL. – Grandes cousas me contou Antoniotto que passaram esta noite! Não sei que faça; virá Cesarião e haveremos todos conselho, que novas lhe leva. Quem é a rebuçada que me acena? Como eu ora estou gracioso pera rebuçadas! Mas eu moura se aquela não é Aurélia. A mãe está em prática, com os dos chamalotes. Onde te vás, garrida? Mal guardas as capitulações do meu contrato.
 AUR. – Ó Milvo, quão obrigada te sam, mas não temos tempo: mandou-me convidar Monseor pera o jantar; logo houve licença do meu Vilhalpando. O outro

passa em Santo Agostinho com penacho branco.

MIL. – Aurélia, Aurélia, tornei-te em riso as tuas lágrimas:
medo hei que me tornes em lágrimas os meus risos.

AUR. – À fé, que não, que má paga seria essa de tamanho serviço.

MIL. – Lembra-te quanto me aventurei por ti.

AUR. – Nunca me esquecerá. Outra hora te farei morrer de riso, de como enganámos também minha mãe.

MIL. – Se primeiro não morrer de ferro.

AUR. – Eu te seguro, que tais pessoas serviste, que elas te salvarão de todo mundo. Minha mãe se espede, faze que nos não conheces.

CENA V

ANTONIOTO. CESARIÃO. MILVO

ANT. – De que te benzes tantas vezes? do diabo ou de Aurélia?

CES. – Que monta mais dum diabo que doutro?

ANT. – Pois não te conto o terço do que passou.

CES. – Estarias fora de ti?

MIL. – Lá vem Cesarião com Antonioto.

ANT. – As vezes cuidava que era sonho.

CES. – E mais sendo de noite.

ANT. – Mas sempre assentei que eram emburilhadas de Milvo.

CES. – E elas eram todas de Aurélia. Afirmaste que era aquele o meu anel?

ANT. – Vê-lo-ás com os teus olhos: que eu disse a Milvo que nos esperasse por aqui.

CES. – O meu anel que me ela tomou do dedo, em troca do seu coração, como ela dizia que lhe eu também tomara!

ANT. – Amor esperavas tu de achar em casa de Guiscarda? Nunca ouvistes dizer que em casa do albergueiro?...

CES. – O meu anel, que lhe eu tantas vezes achei entre os peitos, dizendo ela que aquele era o seu lugar e não os dedos, por o trazer mais perto do coração!

MIL. – No anel falam, há-se-me de ir: costume é do mal ganhado.

CES. – Outras horas lho achava na boca, dizia que pera abrandar a minha!

ANT. – Malvada, que assi dizem os Lapidários: que mata a sede aquela pedra do anel!

CES. – Mas é este Milvo?

ANT. – Este é.

CES. – Milvo, soube cá de teu amigo Antonioto grandes contos, que não é necessário tornar a eles. E mais tu és tão avisado que me estás mostrando o anel, que me torna hoje o meu coração, que estava em mau cativoiro.

ANT. – Se nos mostrasses a todos tamanho prazer...

MIL. – O anel te posso eu tornar, o coração não sei, que engana muitas vezes seu dono.

CES. – Sabe que me deste a vida e liberdade. Dize: chorava Aurélia quando te descobriu aquele segredo?

MIL. – Dizem as mulheres como vide talhada: nunca tal presteza vi de lágrimas e de palavras. Que te direi? Naquela estreiteza de tempo me rogou, me chorou, me ameaçou.

CES. – Com qual te venceu mais?

- MIL. – Pera que te hei-de enganar? Com as ameaças.
 CES. – Sendo tão moça, que serpe se ali cria!
 ANT. – Acolhe-te, Cesário, com tempo.
 CES. – Fiadel de mim que sam em porto seguro; hajamos conselho do mais.
 MIL. – Aqui todos estio bem, salvo eu e Vilhalpando de fora.
 CES. – Grã parte disso é remediado, porque o outro não há-de vir ao desafio.
 ANT. – Pola ventura virá, mas não com penacho branco.
 CES. – Estes soldados bem sabes como são feitos: por aqui se haverá por restituído na honra. Quanto aos escudos, eu os quero pagar.
 MIL. – Nunca tal seja; antes me deixa com a negociação.
 CES. – Que cuidas fazer?
 MIL. – Depois o saberás; somente me é necessário outra vez o anel.
 CES. – Pera quê?
 MIL. – Porque inda hoje há-de fazer milagres.
 CES. – És muito aventureiro antes quero pagar os escudos.
 MIL. – Confia de mim, que não estou em tempo pera ganhar mais imigos.
 CES. – Por tão pouco queres que aventuremos tanto?
 MIL. – Não é pouco a vingança, e mais em tal lugar. Ajuda-me, Antoniotto.
 ANT. – Ora, que eu o fio. Mas diga-nos primeiro o que ordena.
 MIL. – Dir-vo-lo-ei. Aurélia é ida a jantar com o embaixador de França. Tenho ùa filha a que não falece nada pera o que cuido, que é mandá-la a casa de Guiscarda com o anel da parte de Aurélia, como pajem francês, a pedir-lhe dinheiro pera jogar.
 CES. – Com que a esperas de enganar?
 MIL. – Com a cobiça.
 ANT. – Vejamos esta festa.
 MIL. – Não vos partais daqui.

CENA VI

ANTONIOTO. CESÁRIO. VILHALPANDO

- ANT. – Via-te falar tão confiadamente na paga dos escudos
 CES. – Como cobreí coração, pera tudo foi: já não hei mester teus ermitães.
 ANT. – Agora té acabo de crer, que bem sei quanto nos culpa encolhe a todos.
 CES. – Desejo de ir ver o do penacho branco como passeia.
 ANT. – Espera que eu o vejo vir falando com o seu paje.
 CES. – Escutemos em que práticas vem.
 VI. – Enfim, cada um fica por quem e.
 PA. – Quanto a eu, já não sabia de que freguesia era.
 VI. – As dez são dadas, ainda depois dei dous passeos.
 PA. – Ganhaste mui grande honra, que ficas agora por um só capitão Vilhalpando.
 VI. – E que dúvida tinhas disso?
 PA. – Não sei, muitos sinais dava. Tanto que tu também parecia que já duvidavas.
 VI. – De que havia de duvidar?
 PA. – Se eras o de dentro, se o de fora: e eu havia medo.
 VI. – De que havias medo, indo comigo?
 PA. – Que sabia eu qual de vós era?
 ANT. – Que te parece tão malvado rapaz?
 VI. – Cuidavas que me perderas polo escuro.
 PA. – Cuidava que estávamos em Roma, onde tudo é possível.

VI. – E agora por que não aparece essoutro, o capitão?
 PA. – Pola ventura há i Vilhalpandos de dia e Vilhalpandos de noite.
 VI. – Toma dum rapaz com essa tua língua!
 PA. – Digo verdade, pola ventura lhe basta a ele ser Vilhalpando de noite.
 VI. – Seja logo morcego e coruja.
 PA. – E mais ainda ele tinha tempo para vir ao desafio.
 VI. – Não são já dez horas?
 PA. – Não deste relógio, que ainda as não deu.
 VI. – Deu-as logo o de Campo de Frol.
 PA. – E tu queres passear em Santo Agostinho polas horas de Campo de Frol?
 VI. – Venha ele agora e faça também sua diligência, como o desafio dos reis em Bordéus. Basta que já fica o campo por meu.
 PA. – Não o de noite, que mais releva.
 VI. – Que dizes ainda da noite?
 PA. – Que todas as suas cousas são escuras.
 VI. – Eu as farei claras.
 PA. – Cousas há i, que se não querem muito bolidas.
 VI. – Este rapaz palrónio, que nunca tapa aquela boca!

CENA VII

TREFO. CESARIÃO. ANTONIOTO

TRE. – Que noite de Deus se nos ordena esta! Já o fumeiro anda a saco: mal polas capoeiras, onde não há cousa viva; ou asinha a não haverá.
 CES. – Trefo sai de casa. De roim a roim não há aqui melhoria.
 ANT. – O mundo quer acabar. Não vês quanto estes rapazes sabem?
 TRE. – Tudo hoje há de andar a rodo, festa, festa.
 ANT. – Ledo vem. Mas é tão má cousa, que folgará com algum mal nosso.
 TRE. – Manda-me em busca de Cesarião.
 CES. – A mim nomea. Chamo-o, antes que desapareça.
 ANT. – E saberei novas de meu pai e de minha mie, porque há muito que as não ouvi.
 CES. – Chama-o, por minha vida.
 ANT. – Trefo! Trefo!
 TRE. – Vou muito depressa.
 ANT. – Já nos viu o chocarreiro. Não vês com que estoqueaduras vai? E vem-se rindo o perro. Onde ias?
 TRE. – Apregoar calçado velho.
 CES. – Chega-te aqui, cabrão.
 TRE. – A marrar com essoutro? Perdoa-me, Antonioto, que zombo contigo, e tu parece às vezes que te anojas.
 CES. – Onde ias tão aprazerado?
 TRE. – Em tua busca.
 CES. – Que me queres?
 TRE. – Quisera alvissaras, não sei se mas darás.
 CES. – Conta que si, darei, se as mereceres.
 TRE. – Primeiramente, teu amigo Fabiano é nosso natural, e cedo te será ainda mais.
 ANT. – Ele mesmo não sabe donde é, e tu sabe-lo?

TRE. – Eu te digo que é filho de Mário, nosso vezinho.

ANT. – Manda-lhe tapar aquela boca sem verdade.

CES. – Deixa-o falar.

TRE. – Diz que fugindo ele Mário daqui de Roma em tias barcas, perdeu aquele menino que então levava de mama, que lho tomaram fustas.

CES. – Muitas vezes lho ouvi contar ao mesmo Mário, e doutra parte também a Fabiano, que fora tomado por Ginoveses em tias fustas de mouros.

ANT. – Bulras de Trefo: ùa cousa tão tresnoitada!

TRE. – De agudo te perdes: algũa hora se havia de saber, e foi esta.

CES. – Como se descobriu?

TRE. – Não pude saber tudo: mas ouvi falar em ùa nómina de Fabiano, que Mário e sua mulher reconheceram com outros sinais.

ANT. – Aqui temos outros Vilhalpandos com seus contratos e esparsas!

TRE. – Também falaram nisso, e em ùa batalha que o nosso velho ontem houve com um ermitão .

ANT. – E que diziam?

TRE. – Parece que te releva, pois olha por ti ; que muitas vezes te nomeavam.

CES. – Quem contava essas cousas?

TRE. – Mário veio a visitar teu pai, e logo despejaram a casa. Eu pus-me a espreitar; mas não pude ouvir sendo a trancos porém tudo foram risos e prazeres.

CES. – Sabe-o já Fabiano?

TRE. – Tem-no já em casa, olha se o saberá!

ANT. – Havia-se assi de fiar de não sei quê, em tamanha cousa?

TRE. – Como és às vezes parvo: ele não duvida e tu duvidas! Pois mais te digo que se fazem casamentos de parte a parte.

CES. – Que casamentos?

TRE. – Fabiano com tua irmã, tu com a sua, e já a cozinha fumega.

ANT. – Isso é o que te mais lembra, gargantão.

TRE. – Tu quiseras antes novas da adega.

CES. – Deixa, que é um chocarreiro.

ANT. – Como concertam assi os casamentos sem as partes?

TRE. – Fabiano é o que dá pressa e o que chama por ti.

ANT. – E os seus amores em que ficaram?

CES. – De irmãos, como dantes eram. Vamos ver estas festas.

ANT. – Eu já hei-de ver primeiro o paje francês, se sabe tanto como o castelhano e italiano.

CES. – Vem por aqui, Trefo, e dize-me por que estás mal tu e Antonioto?

TRE. – Porque nunca vi cousa tão sem verdade.

CES. – E tu, que evangelista!

TRE. – Todo mundo se espanta de ti creres cousa que aquele diga.

CES. – Malvado! De algũa cousa se teme e sangra-se, como dizem, em saúde.

TRE. – Sabes como se ele desferra, que lhe não fica ferradura nem cravo.

CES. – Se há algũa hora de sair algum bem de ti!

TRE. – Mas quando diz o credo do começo té o cabo, e quando bate nos peitos, e quando beija a cruz ao altar...

CES. – Que mau rapaz! Cala-te, que somos em casa. Vem após mim.

CENA VIII

ANTONIOTO. RUBERTE. GUISCARDA

ANT. – Quem sabe se é isto trato do velho, por me acolher em casa e depois devassar sobre o firmal? Não me acolhem a mim assi: primeiro lhe compre de me fazer de tudo mais certo que a um juiz da vara. Mas é este o paje francês? Este é: que despejo, que recacho, que passeio!

RU. – Segundo os sinais que me deram, esta é a rua, aquelas são as casas. A desnarigada bom sinal tem por onde a conhecerei.

ANT. – Lá se vai às portas das aventuras.

RU. – Vejamos se é esta velha tão indiabrada como dizem. Tá, tá, tá. Se vive nesta casa alguém?

GUIS. – Quem bate?

RU. – Vem a baixo: sabê-lo-ás.

GUIS. – Que quer um tão fermoso paje de ùia tão pobre pousada?

RU. – De tão longe queres que te diga meus segredos?

GUIS. – Eis-me vou a ti, meu filho. E quem é o anjo do Paraíso que me vem assi à porta?

RU. – Bem está, anjo do paraíso à porta do inferno!

GUIS. – Quem buscas, meu serafim?

ANT. – um serafim em busca do diabo.

RU. – És tu a mãe de Aurélia, a fermosa?

GUIS. – Tu és o meu filho fermoso, que ela é ùia fea sem sabor.

RU. – Foste tu com ela a casa do embaixador?

GUIS. – Fui, minha rosa, e parece-me que te vi lá.

RU. – Por isso estava eu um pouco em dúvida: porque Aurélia me disse que logo me conhecerias.

GUIS. – E que diz essa doudinha? Quer que vá já por ela?

RU. – Não queria errar, que estes nossos amos são às vezes perigosos, e mais no jogo.

ANT. – Filha de Milvo!

RU. – Conheces este anel?

GUIS. – Ai, minhas perlas, este anel é de Aurélia E por sinal que da parte de dentro há-de ter tias letras mudadas.

RU. – Inda o tanto não olhei, mas assi é.

GUIS. – E pois que faz essa douda?

RU. – Faz e diz mil graças, que se não farta homem de a ouvir.

GUIS. – Bem sei eu o nome que lhe chamo.

RU. – Os doudos hão-de ser eles.

GUIS. – Hui, gente tão honrada e tão sesuda! Mas os criados sempre murmuram dos senhores.

RU. – No fim se verá.

GUIS. – De que maneira?

RU. – Porque ela há-de recolher quanto dinheiro fica na mesa.

GUIS. – Conta-me, minhas águas de azar.

RU. – Beberam cedo, como é costume dos nossos franceses. Estão todos ledos, pediram cartas e dinheiro pera jogar. Ela então chamou-me a de parte e mandou-me a ti com este anel por sinal: que lhe mandes dez ou doze escudos com que cace. Eu

conheço-os e sei que aquele há-de ficar mais contente a que ela mais ganhar e bulir com o dinheiro.

GUIS. – Os franceses são muito liberais.

RU. – São muito ricos, querem lograr o seu.

GUIS. – Isso si, que não os nossos italianos, que sempre ajuntam pera outrem.

RU. – Pois quanto este ouro e esta prata, não sei pera que é; não se come, nem se bebe: cá fica tudo.

ANT. – Ah, ah, filha de Milvo!

GUIS. – É verdade, meu sesudo. Disse-te mais?

RU. – Oh! que me houvera de esquecer! Chegou-se a mim à orelha, e disse-me que ela faria quantas bulras pudesse àqueles clérigos, e que assi to dissesse.

GUIS. – Haja ela a minha benção. Hás-me de deixar o anel?

RU. – Os messageiros não podem fazer mais do que lhes mandam; ela não no deu senão por sinal.

GUIS. – Quero ir a ver essa festa.

RU. – Muito embora: essa repostada lhe darei, que me detenho muito.

ANT. – Oh! filha de Milvo!

GUIS. – Já se vai cantando, e mais ledo do que veio. Dizem do avarento: por um perde cento. Torna cá, meus amores, não quero lá ir estrovar seus passatempos. Aqui neste lenço vão dez escudos do sol.

RU. – Mas que sejam ainda da lua: o que i for i se achará.

GUIS. – Ora vai nas boas horas. Não lhe perguntei polo nome. Paje, paje fermoso!

RU. – Que mandas?

GUIS. – O teu nome, que me esqueceu de perguntar.

RU. – Daqui to direi, não canses, que tardo muito. A mim chamam Auberte de Rubeforte, e da outra parte, dos Rapinaldos.

GUIS. – Ai! meu filho, que nome é esse assi feito?

RU. – Os franceses costumam assi estes nomes tão atrevessados.

GUIS. – Oh! que má cousa ê o mau nome!

RU. – E os vossos de cá que tais são? Ussos, leões, porqueiriços, cabeças de ferro e outras de cabaça.

ANT. – Vinte vezes mais que filha de Milvo!

GUIS. – Enfim, dizes verdade. Em tudo tem graça.. Vai-se. Quero-o seguir. Mal fiz: porém que pode ser? O anel aquele é. Digo que o tomassem a Aurélia e mandassem cá por rir? Zombarias são, que das tais casas e pessoas sempre saem em proveito.

RU. – Embaraçada deixo a velha co aquele meu nome tão comprido. Quero-me trasmalhar por estas travessas, tomarei ao brial e ao trançado. Quem lhe dará sinais de mim, e mais nesta envolta de Roma? Se Guiscarda fora como estes toleirões, que sempre estão em seus treze, nunca a enganara. Bem mo dizia meu pai, que deve já estar cos olhos longos.

ANTONIOTO, só

Este negócio está bem acabado. Dũa parte Cesarião me acena todo cheo de prazer, doutra Milvo vem mostrando-me o anel. Já tem os escudos pera o Vilhalpando de fora: e pola ventura serão os mesmos do sol. Os desposouros hão-se de fazer lá dentro. Não tendes mais que esperar aqui. .

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera a partir da edição de 1595. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
